





Rap jesuíta

corromper o fluxo tens um broken rim viajar lisboa hemodiálise tinhas as plantas que curam lá na terra e agora tens um berbequim abrir buracos na parede enfiar tubagem destapar o telemóvel separar peças a seguir ficar imóvel e decidir: sabotar ou reparar

ser aranha tecer redes entupir a veia entubar paredes collect people make connections obedecer a rotinas ou receber directions comer em cantinas e a cismar a arquitectar: viver à míngua ou engolir em seco a língua

nascer no ano em que mataram o tupac saber disso mais tarde fazer um flashback perceber de marcenaria ter pinta boa ter de aceitar desenrasques de pintura ganhar estrutura ir a entrevistas em lisboa compor letras de alcance social cantar encostado a uma parede final saltar cedo em coletes voadores da torre eiffel e ter medo saltar das montanhas em asa delta furada take this broken rim ir para bófia não é para mim o polícia também fuma o polícia também é gente também geme é algemado o polícia está no outro lado mas também é infiltrado é jardineiro não tem dinheiro não sabe se há-de avançar ou recuar e não é mais nem menos sinaleiro que as luvas brancas que tu e eu estamos agora a enfiar

**Miguel Castro Caldas com Agustin (Bangladesh), Bhéve (Congo), Célsa (S. Tomé),
Kevin (Angola), Lázaro (S. Tomé) e Valter (S. Tomé)
no Serviço Jesuíta aos Refugiados, Lisboa
Ilustração de Bárbara Assis Pacheco**



A Soraia é azul

– Soraia!

Não, não responde. Na verdade, perpassou pela sala, mas não chegou a estar lá.

– Ela é azul.

Azul?

Sim, mas só ele o sabe. Ele que a ama.

Bem... e se falássemos de outra coisa? Por exemplo: da Galiza.

– De galicia! E de meigas!

Sabem que o Franco era de lá?

Pois, o que se dava com o Salazar. Fez a guerra civil e ganhou. Então, passou a «generalíssimo» e a «caudillo, por la gracia de Dios».

Mas nunca lhe faltaram opositores galegos. Perseguiu-os. E mandava-os matar, se os apanhava. Conseguiram escapar alguns, escavando tocas no chão, metendo-se lá dentro, tapando-as com neve.

– Soraia!
Não, ainda não chegou.
É azul, e ele ama-a.

Em Lisboa não neva.
Quase nunca neva. Mas também se tem frio e também se passa fome.
Há quem diga que é cidade que não se troca por nenhum sítio do Mundo.
Mas porque não se haverá de trocar?
Que remédio, se não houver emprego para mais um jardineiro. Mais um pintor de navios. Ou mais um servente que misture cimento com areia para que cresça um prédio.
E para onde iremos, se tivermos de deixar Lisboa?

– Soraia!
Azul de amor, ausente da sala.

Vamos para África, lapidar diamantes.
África!
Para o Brasil, terra do café. Dos grãos que se torram em fogo de lenha. Não confundir com cevada, nem com grão-de-bico. Muito menos com raízes de chicória.

– Soraia!

Barcelona!
Vamos!
E lá teremos pincéis e tintas, pintaremos todas as telas, todas as conchas, todas as pedras. Picasso também lá esteve. E foi lá que pintou a sua primeira pomba.
Vamos!
Voltaremos!

– Soraia!
Ela existe. Sabemos que é azul e que ele a ama.
Entrará connosco numa peça chamada “VIDA”. Será actriz e personagem real, como cada um de nós.
Não precisamos de continuar a dizer-lhe o nome.

Cai o pano.
Mas não se fecham as portas do teatro.

**Filomena Marona Beja com Célia, Luís Carlos, Orlando,
Manuel, Carla, Zeferino e João Paulo
no Centro de Apoio Social de São Bento, Lisboa
Ilustração de Pierre Pratt**



Furor suave

Vou fazer um poema com ar; mas não é com este ar. Qual ar? Este, aqui, este ar. Este qual? O que se respira? Sim, esse, não é com o que se respira, é com o ar de ar. Qual ar? Queres dizer o ar da palavra ar? Sim, esse mesmo. Muito bem, faz lá; e podes usar um ar para cantar o outro. Eu sei que posso. E vice-versa. Sim, sim.

O Ar

*À beira mar
Está um homem a pescar
Peixe está a apanhar
E sem nunca parar*

(Pedro Ernesto, 10 anos)

Seis meninas e um rapaz.

Comecei pelo um. Pelo menino.

Rodeiam-me sete pares de olhos desejosos de poesia. Estremeço um pouco. Podias fazer um soneto com estes catorze olhos maravilhosos, sussurra-me o mosquito ao ouvido. Faço de conta que não oiço e sacudo-o discretamente. Ou então, com estas catorze orelhas, uma orelha para cada verso, insiste a zumbir. Talvez, sim, mais tarde, digo, tentando não o ofender. Se voltar a escrever um soneto há-de ser com esses versos.

Afloramos assuntos filosóficos. Deus, o mundo, quem criou o mundo, quem criou Deus. Muito ao de leve, paira a ideia de inadequação entre Deus e o ser perfeito. A Mariana expõe argumentos, o Pedro conclui de raspão, em voz baixa: se é perfeito não tinha (não precisava) de criar, logo, se criou é porque não existe... Não sei se percebi bem. Filósofos poetas muito novos. Não tenho pedalada para os acompanhar.

Desviamos para o campo dos peluches. Até que se invocam as terríveis bonecas meio vivas, lindas e assustadoras.

A Catarina leva a mão ao bolso. Este é o Jackie, ele é uma miniatura do meu beagle que ficou em casa.

*Um boneco é uma parte
de nós é um auxílio para
a tristeza faz-nos lembrar
de uma coisa do passado
ou do presente.*

(Catarina Costa, 9 anos)

*Três Marianas, duas Beatrizes,
Um Pedro, uma Catarina;
Agora imagina
O corpo sem cicatrizes.*

(JPES, 54 anos)

É preciso pensar muito para fazer um poema.

Achas? Eu cá acho que depende. Há quem pense muito e há quem não pense nada. Outros ali pelo meio. Tenho um amigo que anda há anos à procura duma rima para música. Dá tratos ao miolo; e não vai encontrar. Sofre horrores. Um dia propus-lhe macambúzica, mas ele não se deu por satisfeito. Disse que era uma palavra inventada. E as outras palavras não são inventadas?

Posso fazer um poema com rimas deste livro? Claro, e mais as palavras todas que te fizerem falta.

*Era uma menina
tão solitária
que construiu uma boneca
e fez-lhe uma caravela
naufragou nas Canárias,*

*onde escreveu um diário
e abriu várias páginas*

(Mariana Gomes, 10 anos)

Às vezes há palavras que calham de repente e ficam bem. Palavras erradas, mas eu acho bonitas, e deixo estar. Sim, se forem bonitas, deixa-as estar.

*Ao tocar o meu piano
é muito estranho.
Quando toco e não canto.*

*Há gente muito maluca
onde basta a lua
nunca disse não
pela nula do pão*

*Caminho caminhando
quando não ando
há gente que não
gosta de ter caminhar*

(Beatriz Alexandre, 9 anos)

Quando eu era bebé, não falava; apenas chorava, e era melhor do que faço agora. Enfim, isto é mais a opinião da minha irmã, quando nos chateamos. É muito humilhante saber que foi ela quem escolheu o meu nome. Não gostas do teu nome? Gosto muito do meu nome.

Qual o tesouro do universo?

*A moeda é do sol
A nota é da lua
E o universo?
Qual é o tesouro dele*

*Não é o do céu
Nem o do mar
E muito menos o do chão
E então, qual é ele?*

(Pedro Ernesto)

Quando ele me chateia muito, sabes qual é o nome que eu lhe dou. Não, não sei. Cabeça de pudim. Eu gosto de pudim. Eu também, mas tem uma cobertura demasiado doce, que até enjoa.

Sozinha no meu quarto não tenho inspiração nenhuma. Aqui não consigo parar de escrever poemas.

Agora, os meus livros em cima da mesa deixam-me um tanto apreensivo. Tenham cuidado não vos faça mal... Mas parece que não há razões para temer; as crianças filtram a tristeza. Até mesmo a lâmina, o poema lâmina que se chama lâmina e que é, por assim dizer, uma lâmina, já romba, é lido como quem corta cascas finas, sem sangue nos dedos, as letras cortadas, e coladas de novo num animal manso.

Rosa

*A rosa pode ser cor-de-rosa ou
Uma rosa de flores que se mergulha
No seu amoroso perfume*

A lula

*A lula é uma lua que mergulha
No seu profundo oceano com
Muitos peixes, e muitas cores.*

(Mariana Moreira, 9 anos)

Sei que não vai ser fácil defender a incorrecção ortográfica deste oceano profundo. Vale a pena tentar. Só um oceano profundo cheira a rosas amorosas.

O amarelo

*É a cor do
malmequer
é a cor do
trigo gosto
muito dos
olhos daquele
menino os
olhos dele são
da cor do trigo
gosto muito
daquela cor
porque é a cor da
vida.*

(Mariana Santos, 9 anos)

E o amor paira por aqui. Ainda bem dissolvido na amizade, e apreensões sexuais. Será que os beijos dos actores nas novelas são mesmo a sério? Alguns passos de danças eróticas bem imitados, como quem imita cowboys a sacar pistolas. Pedro sensível à beleza, de tudo em geral, e à sua em particular, com ironia. Rodeado de Marianas, mares de graça. Beatrizes, misteriosas e amigas. Catarina cheia de poesia.

A Catarina embala o filho

*Canta a remota canção
Que seu tio já cantava há muito tempo
Em noite escura sem madrugada
Canta canta para o filho
E para o filho ela canta
Às vezes também o filho é negro*

(Beatriz Esteves, 9 anos)

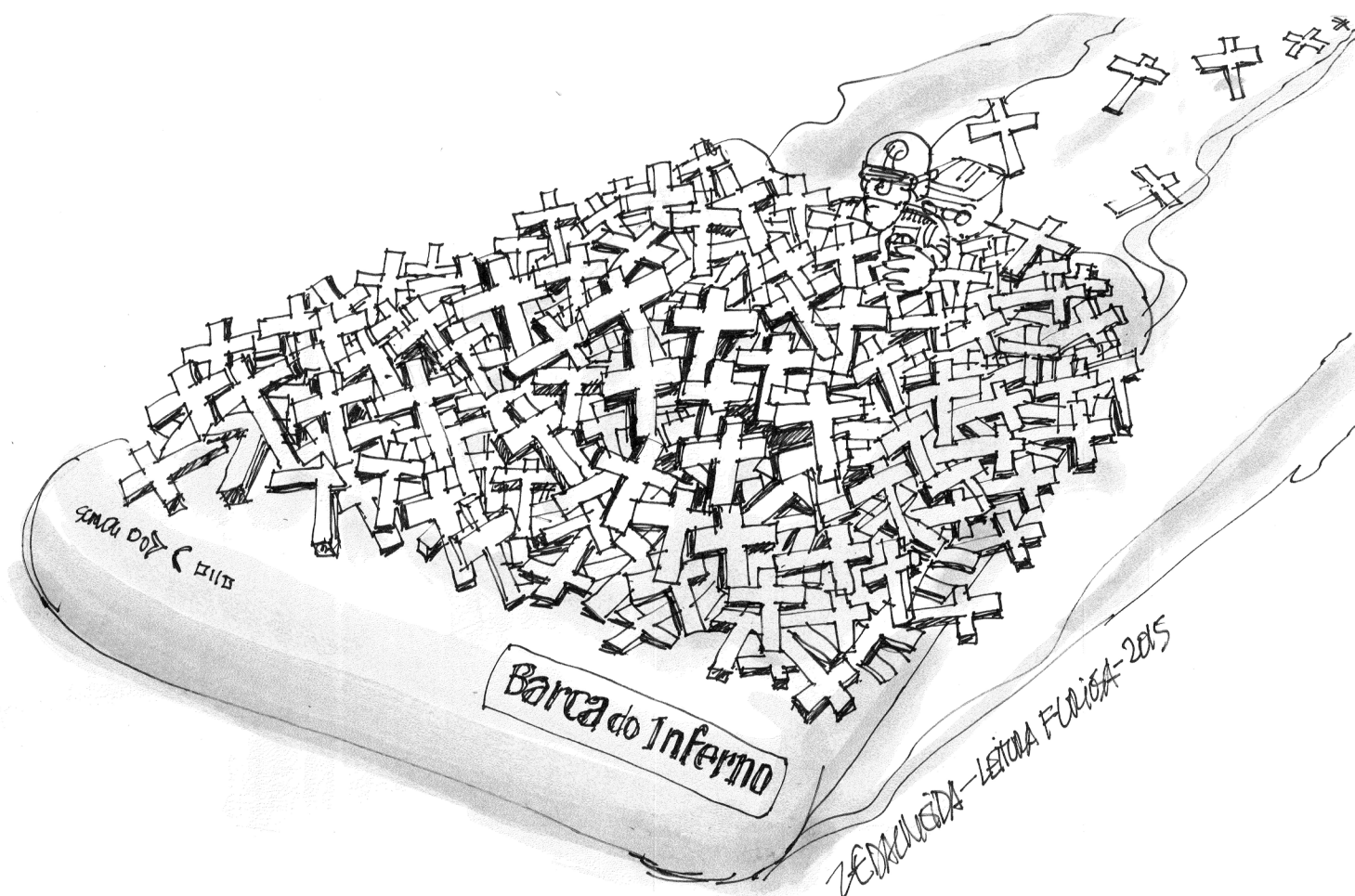
Eu acho que vou ser um escritor poeta. Gosto muito de poesia. Eu também. Eu também. Eu também. Eu também. Eu também.

O lápis especial

*Tenho um lápis
Um lápis especial
Voa como uma perdiz
E recebe uma mesada mensal*

(Pedro Ernesto)

**João Paulo Esteves da Silva com Beatriz Alexandre, Beatriz Esteves,
Catarina Costa, Mariana Gomes, Mariana Moreira,
Mariana Santos e Pedro Ernesto
na Escola do Castelo, Lisboa
Ilustração de Marta Caldeira**



Mundo feliz

Em cima da mesa, o planeta é um *puzzle* a que faltam peças. Dedos apontam para as cores, aqui amarelo, ali rosa, além verde, para as manchas à escala, perdidas no grande continente, para as linhas a negro no mapa a definir uma geografia, mas já incapazes de conter o passado. Foi dali que eles fugiram: Costa do Marfim, Ucrânia, Etiópia, Guiné Conacri, Paquistão. Das manchas, das cores, nascem histórias. Fios a pairar na sala da biblioteca, uma porta aberta para o pátio de onde se avista o Tejo, tão manso nesta manhã de luz.

Primeira fuga. Marthe em Abidjan. Mais de vinte anos enfermeira anestesista num centro hospitalar. Na década de 90 andou por regiões do interior, a dizer às raparigas para continuarem os estudos, para não deixarem a escola assim que os seios começam a despontar, «explicava-lhes que ter marido não chega, é preciso aprender para depois trabalhar, a melhor forma de ser feliz,

e elas escutavam-me, gostavam de mim, seguiam os meus conselhos». Há quatro anos, com a subida ao poder dos rebeldes, começou o pesadelo. A casa de três andares, ocupada. Os carros da família, roubados. «Eu fiz política, fui conselheira do ministro da Presidência, quando perseguiram o anterior governo, perseguiram-me também.» E à família. Marido e quatro filhos, só rapazes. Escaparam para o Gana. Eles ainda lá estão, à espera, numa terra de ninguém, insegura, à mercê dos raptos de refugiados. Também por isso, Marthe veio para Portugal. Chegou há um ano, já fala bem português, mas quer falar melhor. Tem aulas de teatro. Sofre de anemia falciforme (esta semana precisou de uma transfusão de sangue, das grandes, ainda se vê a marca da picada no braço). Tenta espantar a solidão, enquanto espera pelos documentos. Assim que eles ficarem prontos, poderá finalmente chamar o marido e os filhos que não vê há 14 meses. Poderá recomeçar a vida. «O mais importante é isso. É estar viva.» O resto logo se vê.

Segunda fuga. Betelhem tem saudades de Addis Abeba. Das árvores grandes nos jardins. Da cerimónia do café, bebido três vezes por dia – e de cada vez chamam-se os vizinhos para a conversa. Saudades da Páscoa na companhia de outros cristãos protestantes, reunidos toda a noite na igreja. De comer *injera*, espécie de pão espalmado, feito com um cereal chamado *teff*, rico em ferro. Ela sabe as propriedades todas, estudou botânica na faculdade do marido, agrónomo, antes do sufoco político, a falta de liberdade a empurrá-lo para fora da Etiópia, para a Europa, e dentro da Europa primeiro para os gelos da Ucrânia e depois para este cantinho onde bate o sol e onde ela veio ter, «vamos tentar ficar por aqui, o clima é bom, as coisas são mais baratas, falta só arranjar trabalho e estudo».

Terceira fuga. Sergii nasceu em Donetsk, no leste da Ucrânia, onde em muitos restaurantes a ementa vem em russo e inglês. Apesar de os pais serem pró-russos, ele sente-se ucraniano, tem orgulho no país, participou nas manifestações com a bandeira amarela e azul. Logo depois, começou a receber ameaças e percebeu que a família podia pagar pelas suas escolhas. Com pena, preferiu fugir do torvelinho da guerra e dos ódios que hão-de permanecer durante muito tempo. Passou pela Hungria, obteve o visto que lhe permite circular pela União Europeia, veio parar ao Algarve, onde vivia uma amiga da mãe, perto de Albufeira. Andou na apanha da alfarroba, dias inteiros de peso no lombo e transpiração, em poucos meses perdeu 31 dos seus 127 quilos. À medida que vai melhorando o português, acelera as leituras de livros de História de Portugal, «uma História parecida com a da Ucrânia, sempre em luta com um país ao lado muito maior e mais forte». Sente falta de ver os jogos do Shakhtar na Donbass Arena, do hóquei no gelo, dos almoços com amigos na Cafeteria Liverpool, da cerveja e só da cerveja («devo ser o único ucraniano que não gosta de vodka»), mas sobretudo sente falta da família, do sobrinho. Talvez volte lá de visita, mas não para ficar. Não para ficar.

Quarta fuga. A mais curta, porque Abdourahime só tem 22 anos. Há cinco, trocou a Guiné por Angola, acompanhando o tio, um comerciante com loja montada num campo militar, até ao dia em que a pilharam e a ele o prenderam. Questões políticas: coisas que não percebeu na altura e não percebe agora. Em Luanda, a situação não melhorou. O tio montou nova loja, para os lados do bairro da Palanca, mas uma noite vieram uns rapazes, assaltaram-no, mataram-no. Com tanta insegurança, Abdourahime abandonou a ideia de abrir uma lanchonete, com hambúrgueres e churrasco. Até já havia gerador e botija de gás, deixou foi de haver vontade. Seguiu-se a Europa, primeiro Alemanha, depois Portugal. «Agora quero aprender, estudar hotelaria, tornar-me profissional.» Ao almoço come pouco, para não adormecer nas aulas da tarde.

Quinta fuga. Saeed é escritor, vai juntando versos no telemóvel, diz que tem um livro inteiro na cabeça. Título: *Agora eu sou refugiado*. Logo ele que durante muitos anos lidou com os refugiados que chegavam, aos milhares, à província de Peshawar, fugidos da guerra no vizinho Afeganistão. Nunca pensou que um dia também lhe caberia a mesma sorte. A de escapar ao inferno em que a terra natal se pode converter. E ele foi justamente para o coração do inferno, ao serviço de três ONG, espalhando nas regiões controladas pelos talibans a ideia de que é preciso resistir aos terroristas, não lhes dar apoio nem refúgio. Um dia, escapou a um ataque com *rockets*. O seu carro ia à frente, ficou incólume, acelerou, fugiu. O de trás foi atingido em cheio. Sete mortos. Sete amigos mortos. Seguiram-se chamadas anónimas: «Tu és o próximo.» Em pânico, a mãe obrigou-o a sair do país. Nunca mais a viu, nem escutou a sua voz. Nada soube dos seus familiares desde que deixou para trás a fronteira, acompanhado por um homem pago pelo pai, com a promessa de chegar ao Canadá. Passou pelo Irão, pela Turquia, acabou abandonado, sem dinheiro, algures em Portugal, longe de tudo. Da infância, Saeed lembra-se de andar cinco quilómetros até à escola na aldeia seguinte, das 80 reguadas que o professor lhe deu certa vez, das mangas enormes, sumarentas, amarelas, de sabor tão intenso que até se cheira à distância. Lembra-se das coisas boas e das más. Por exemplo, a bala que lhe era destinada e acabou por matar um tio, que se ofereceu para o substituir numa viagem em transportes públicos. Houve uma terceira morte a que foi poupado: uma explosão na estrada, pelos ares o carro à frente daquele em que seguia. «Não sei porque Deus me conserva. Deve ter alguma coisa para eu fazer.» E sorri. Sorri muito. Mesmo quando fala de mortes e perdas e silêncios. «Sempre fui assim. Eu sou este sorriso. Vejo o lado positivo das coisas. E sabes o que quer dizer o meu nome?» O sorriso abre-se ainda mais. «Saeed Alam quer dizer Happy World. Mundo Feliz. É como eu o vejo.»

**José Mário Silva com Marthe N'Dépo Eps. Bessekon, Sergii Konovalenko,
Betelhem Samson Belachew, Saeed Alam e Abdourahime Camara
no Centro Português para os Refugiados – CAR, Bobadela
Ilustração de Zé d'Almeida**



Autocaravana – Uma fábula

Tal como este dia, o mundo terá começado quando alguém disse: «Não mexam em nada.» Esse mundo, este que temos, terá acabado quando já ninguém entender estas palavras. Entretanto vamos fazendo por não as ouvir. Mas sentamo-nos. Bebemos uns goles de água a medo. Quem sabe haverá mais tarde um festim de queques e leite em pacotinhos. As explicações que nos foram dadas são insuficientes mas por vezes não nos deixam dormir à noite.

O passado? Eu explico: era uma vez uma menina que guardava em casa uma pilha de cassetes. As cassetes estavam em bom estado. O leitor de vídeo, no entanto, estava irreparavelmente avariado. Quando tinha visitas, a menina tirava as cassetes do armário e mostrava-as. E dizia: são cassetes difíceis. Eu explico melhor: um gato sobrevive muito tempo dentro de uma máquina de lavar. Basta que quem o lá enfiou não saiba mexer nos botões.

O amor? Eu explico: era uma vez uma menina que estava com os seus três irmãos no sofá e riam muito alto. Aparece a mãe, zangada, e manda-os calar. Isto foi há muito tempo. Essa menina há-de ver esse vídeo até não ser menina e a fita dos seus olhos estar gasta. Eu explico melhor. Há duas coisas neste mundo que não precisam de dizer nada: o mar e os olhos da minha tia. Como me conheces saberás que meiguices destas é só no papel. A fúria e os espinhos serão entregues cara a cara. As rosas também não se dão bem com os correios.

Entretanto, Portugal é uma seca, os armários estão mais vazios, e Marvila é uma ilha de onde somos regularmente salvos por três autocarros que nos levam a todos os dias. Ia dizer «ao inferno de todos os dias», mas não vou em literaturas. Marvila é uma ilha a que voltamos ao fim do dia levados pelos mesmos três autocarros que nos tinham salvado de manhã. Marvila tem nome de terra de conto de fadas. Acabaria assim: e os autocarros seguiram felizes para sempre. Na verdade, em Marvila passam visões de autocaravanas que vão pelas ruas e depois pela estrada lado a lado com a carreira diária, mas quando chegam ali à Mãe d'Água viram e perdem-se de vista. Eu explico: herdei alguns sonhos dos meus pais. Não quero ainda acordar deles, mas por vezes distraio-me e as minhas mãos desenham outros. Eu explico: uma cruz, uma corda, um dado e dez estrelas. Sobre a cruz, duas rosas abertas, duas rosas fechadas. A minha vida antiga. Do meu pai não herdei nada, mas apanhei-lhe o dom de efabular com agulhas logo à primeira.

Dá-me um papel e uma caneta e eu traço um futuro: uma cruz, uma corda, um dado, dez estrelas e quatro rosas. Aqui a cruz (sou eu), em baixo a corda que a prende, e dez estrelas e um dado com catorze pontos: um ano de muito vento. Um ano de desmontar tendas e promessas, arrancar plantas com os dentes para dar lugar a outras. Uma cruz, uma corda, dez estrelas, um dado. E flores: duas rosas abertas, duas fechadas. Eu explico: Tive uma vida antiga. A cruz e a corda são o contrário da rosa aberta. Um lance de dados não abre uma rosa, mas uma rosa não se abre sozinha. Será triste não poder abrir-se a flor desenhada, mas o desenho de uma flor aberta dura pelo menos cinco anos.

Este foi um dos futuros que tive. Com mais tempo não tinha ficado tão tosco. Um dia talvez tenha este futuro no corpo. E aí será tão perfeito ou imperfeito como a minha pele. Tenho uma fome daquelas. Sou uma romântica. Diz a agulha à pele. Diz a febre ao filho de colo. Dizem o futuro e o fogo atrás das costas dos noviços.

Entretanto, alguém diz: *POW POW BANG BANG*. Diz outro alguém: *Jesus me abana*. Eu explico: há algo entre nós, afinal de contas. Tal como haverá algo entre Chelas e Nova Iorque, entre a carreira do autocarro e a autocaravana, entre 2009 e 2015, entre o futuro e a sobremesa de caramelo da cantina. A história também diz: eu sou uma romântica.

Era uma vez, terá sido uma vez.

Tudo isto é futuro. Eu explico.

Elas terão ido. Elas terão vivido numa ilha sozinhas e passeado a sombra pela praia. Elas terão inventado uma língua para falar com as memórias mais vagas. Elas terão tido um pequeno barco de madeira onde pintaram a letra garrafais a palavra IATE. Elas terão construído uma cabana à semelhança do seu quarto para terem um mundo. Elas terão construído uma outra cabana à semelhança do seu quarto, onde não entravam, para ter mais mundo. Elas terão escavado a areia para

voltar a desenterrar as fotografias antigas. Elas terão inventado rituais para adiar o fim do dia. Elas terão posto uma capa de Batman para tentar enganar a gravidade. Elas terão comido muitos frutos doces. Elas terão ido ao continente buscar mantimentos, comprar um boné e livros para fazer lume. Elas terão sido felizes. Elas terão largado a ilha. Elas terão andado à deriva. Elas terão atravessado outras águas levando nos braços uma almofada. Elas terão sabido algumas coisas muitas antes de as virem a saber. Elas terão chegado. Elas terão tirado os headphones para ver o início de tudo. Elas terão pronunciado a palavra aurora pela primeira vez em muitos anos. Elas terão sonhado com Paris mas não com os seus arredores. Elas terão visitado Sintra sem perceber que não existia. Elas terão chegado finalmente à cidade. Elas terão reconhecido algumas esquinas de ouvido. Elas terão jogado à bola com os miúdos na rua para se recordarem de como se perde o fôlego.

Elas terão transposto as águas de novo. Elas terão chegado. Elas terão atravessado a cegueira das luzes sem respirar. Elas terão respirado fundo e caminhado até as luzes de Nova Iorque esmorecerem. Elas ter-se-ão sentado nos degraus que levavam até ao pequeno hotel a ver o rosto das pessoas que iam para o trabalho e o fundo o céu. Elas terão ido até ao quarto e encostado a face à almofada fria e cantado até adormecerem: *There's nothin' you can't do/ Now you're in New York/ These streets will make you feel brand new*. Elas terão acordado tarde no outro dia e espreitado as ofertas de trabalho num jornal que alguém deixara no café. Elas terão fingido por instantes que a história era uma folha em branco. Elas terão encontrado um pequeno apartamento nos arredores e apanhado o metro todos os dias. Elas terão descoberto como se diz sonho e renda e emprego em várias línguas. Elas terão tido aulas de sapateado à noite. Elas terão sapateado a morte de um amigo longe durante horas. Elas terão deixado de sorrir ao passar por aquela esquina. Elas terão parado um dia no meio da rua quando lhes veio à cabeça um trecho de um fado de que não sabiam a letra. Elas ter-se-ão então recordado de umas frases antigas que usaram para explicar a um estranho quem eram: «Tudo menos fado. Tudo menos peixe e batatas cozidas.» Elas terão feito novos amigos e terão descoberto novas canções para cada um deles e uma, mais feroz, para a sua vida. Elas terão aperfeiçoado a transmissão do amor em ficheiros mp3. Elas terão trocado headphones como quem troca alianças. Elas terão inventado um novo acorde de ternura quando telefonam para casa e dizem *cocó* como quem diz *adoro-te*. Elas terão percebido como inventar de novo a música se alguém um dia a proibisse. Elas terão recordado o Miradouro da Nossa Senhora do Monte ao sentir uma dor de repente. Elas terão conhecido as caves e os tectos do mundo.

Elas terão feito as malas de um dia para o outro. Elas terão dançado uma última vez à porta de casa. Elas terão procurado planícies vastas para fugir de corredores. Elas terão encontrado planícies. Elas terão encontrado outros corredores. Elas terão andado à procura de um destino. Elas terão ficado por ali. Elas terão partido de novo. Elas terão percebido que estavam cansadas. Elas terão vendido metade da vida para terem um sítio para dormir. Elas terão juntado algum e estudado à noite a arquitectura do mundo. Elas terão afiado o lápis para desenhar o bairro onde haviam de morar. Elas terão afiado as unhas porque não confiavam na sorte. Elas terão juntado a sorte às unhas e aos dentes. Elas terão sido felizes. Elas terão sido donas de uma loja de tatuagens a coração aberto. Elas terão ido à noite a um bar enfeitado de rosas que ficava ao lado da loja. Elas terão explicado com os dedos o contorno das pétalas e com os olhos o significado de tudo. Elas ter-se-ão cansado de explicações. Elas terão sido mães. Elas não terão sido mães. Elas terão sido ricas. Elas terão desistido de ser ricas. Elas terão sido felizes e infelizes. Elas terão sido generosas e sensíveis. Elas não terão sido sempre generosas e sensíveis. Elas terão envelhecido. Elas terão conseguido envelhecer bem. Elas terão sido livres sempre que podiam.

A ver se explico melhor.

Elas terão sido novas. Elas terão andado felizes à solta na rua. Elas terão chutado umas bolas e esfolado os joelhos. Elas ter-se-ão esquecido das horas. Elas terão apanhado uns tabefes por chegarem tarde depois de andarem felizes à solta na rua. Elas terão sido felizes mesmo quando apanhavam uns tabefes por andarem felizes à solta na rua. Elas terão soltado tantos risos naquela esquina que o som ficou marcado nas paredes. Elas terão levado essas paredes consigo para o outro lado das águas. Elas terão acreditado no pai quando este lhes dizia que iam viver juntos. Elas terão ido com o pai ao café e comido torradas enquanto ele olhava para elas. Elas terão acreditado no pai mas não nas suas palavras. Elas terão amado o pai. Elas não terão perdido a fé na felicidade. Elas terão chorado muitas noites. Elas terão posto os bonecos de plástico de muitas Happy Meals na mesa de cabeceira. Elas terão dormido com dois Mickeys e um panda e adormecido a pensar em coisas azuis. Elas terão acreditado na ressurreição pela cor. Elas terão imaginado o mundo a roxo. Elas terão tido um quarto só para elas noutra continente. Elas terão tido um quarto mesmo delas mas que também era do irmão. Elas terão tido quadros pintados por elas e fotografias da sua infância e de amigos na parede do quarto. Elas terão segurado o passado com pioneses. Elas terão escolhido a roupa no dia anterior. Elas terão dançado um pouco antes de se deitarem. Elas terão visto a mesada a diminuir e os armários a ficar mais vazios. Elas terão visto famílias a sair do bairro. Elas terão dançado muito. Elas terão ouvido os pais e ficado com os seus sonhos de autocaravanas. Elas terão apanhado três autocarros para chegar à escola. Elas terão visto as luzes de Nova Iorque num videoclip. Elas terão chegado à escola. Elas terão ido para o portão fumar e ver passar gente na rua. Elas ter-se-ão aborrecido nas aulas. Elas terão gostado daquela aula. Elas terão acordado as amigas com cócegas e cantado para elas. Elas terão tatuado o amor nas costas e o rosto da tia no lado de dentro dos olhos. Elas terão sonhado com oito horas de trabalho para ganharem o seu. Elas terão sonhado com a hora de saída depois de oito horas de trabalho. Elas terão sonhado com uma loja. Elas terão dançado outra vez para ganhar coragem. Elas terão percebido que era difícil. Elas terão insistido mesmo sabendo que era difícil. Elas terão ensinado a irmã pequena a andar chamando-a com uma laranja.

Elas terão pensado em romper um saco de laranjas, espalhá-las na rua e correr para todos os lados. Elas ter-se-ão espalhado pela rua. Elas ter-se-ão espalhado para lá da rua. Elas terão gritado: «Mexam em tudo.»

Foi como se uma autocaravana explodisse e fosse feliz para sempre.

E então o mundo pegou fogo, como nas fábulas românticas ainda por inventar. Esta não explico.

**Miguel Cardoso com Jessica, Maria, Márcia, Yuneiza, Andreia e Vasth
na Escola Secundária Gil Vicente, Lisboa
Ilustração de Nadine Rodrigues**



Estamos em círculo. Formamos uma arena vazia onde haverá histórias feitas de poucas palavras, sorrisos desconfiados, tímidas risadas. Porque falar é dar espectáculo e é difícil ser o artista e a sua plateia.

– «Desculpe lá, amigo. Népia para os cravos. Cigarros, tenho dois. Um para agora. Outro para depois.»

– O meu pai, que não estava para lirismos, sempre quis que eu fosse engenheiro. Quando lhe vim com a conversa de que tinha ganas de ser poeta, apanhei o primeiro enxerto de porrada da minha vida. Nessa altura o meu desejo de escrever era tão genuíno que eu assinava as folhas com sangue meu. Para as autenticar.

– Gosto de ler e de escrever. Quando fui para a escola, já sabia ler e escrever. A professora ficou banzada. E eu senti-me orgulhosa por o meu pai me ter ensinado a ler e a escrever...

– Eu andava a estudar para padre. Mas não gostava daquele regime. Um dia reparei que o porteiro não estava de sentinela. E fugi. Estive dois dias sem comer nem beber. Montes de gente à minha procura por montes e vales. Por fim, lá apareci num campo de batatas...

As histórias dos outros servem para nós não termos de as viver. No fundo, poupam o nosso coração ao excesso de ficção que governa as vidas.

– O meu pai tinha um perdigueiro. Os vizinhos também tinham um. Mas malhado, o deles. Vai daí, numa certa ocasião, um dos donos ligou para o outro a protestar: «O seu cão fez estragos! Estragos? Sim, a minha cadela deu à luz 11 cachorrinhos. E como sabe você que foi o meu cão? É que eles são todos às bolinhas...»

– Eu jogava futebol. Porém não era titular e ficava sempre no banco. Um dia o meu pai veio ver-me jogar, coisa que nunca acontecia. Eu pedi ao treinador para jogar e marquei o golo da vitória. Passei a titular. Antes disso o meu pai dizia: «Eu não te vou ver jogar porque tu nunca jogas, passas os jogos no banco.»

– Os meus pais eram do Sporting. Os vizinhos que tomavam conta de mim eram do Benfica e começaram a fazer chantagem comigo. «Se não fores do Benfica, nunca mais entras cá em casa.» A minha mãe disse-me: «Faz o que quiseres.» Mudei para o Benfica. Os vizinhos, que tinham levado a deles avante, pagaram a minha cota até aos 18 anos...

– Valença do Minho. Tinha a minha filha dois anos e meio. Há um GNR à porta de uma pastelaria. Tem dois rottweiler, um de cada lado. A minha filha disse-me: «Ó mãe, eu queria fazer uma festa aos cães, mas tenho medo do polícia.»

– Depois do tal jogo em que fiquei titular, o meu pai veio ver-me jogar outra vez. Eu tinha um equipamento novo. Um homem da barreira puxou-me várias vezes pela camisola. Às tantas ri-postei. E fui expulso com um vermelho directo. O meu pai comentou: «Quando venho ver-te, ou metes golos ou levas vermelhos.» E foi ver-me menos vezes, o meu pai...

As histórias dos outros servem para nós voltarmos a crescer dentro de nós ao ouvi-las. Como plantas fortalecendo quando se viram para o sol da ficção.

– Numa noite de passagem de ano, teria eu uns 17 anos, após a ceia com família e amigos, saí de casa para dar uma volta. Ao regressar pelas 5 da manhã, peguei num pacote de jornais pousado diante do café e andei a vendê-los ao desbarato. Já em casa, o meu pai descobriu a minha aventura de ardina e percebeu que se tratava de jornais do dia. E sentiu-se na obrigação de pagar ao comerciante lesado todos os jornais o que eu tinha vendido.

– Tinha eu uns 16 anos. Havia um bar bracarense chamado Honni Soit no qual uma das paredes estava ocupada com uma grande pintura abstracta. Mas só até metade. Pedi à minha mãe que me deixasse pintar assim, por metade, uma parede do quarto onde recebia os amigos. Ela deixou. Eu pintei a manta. As paredes do quarto, que tinha sido da minha falecida avó, ficaram integralmente borradas a tinta. Ao longo dos tempos, essas paredes foram levando as assinaturas dos visitantes. Quando sair daqui, vou ter que limpar as paredes desse quarto.

– Quando tinha vinte e poucos anos, enchia a carrinha de amigos e íamos tomar banho, nus, na barragem de Braga, e depois seguíamos para o cemitério onde comíamos papas de sarrabulho.

As histórias dos outros servem para evocar passados que até não se viveram num tempo que já era futuro do passado.

– Avaria na auto-estrada. Avistei a GNR na faixa contrária. Saltei o separador para ir pedir ajuda e perguntei aos guardas: «Estou virado para Espinho ou para Santa Maria da Feira?» Responderam-me eles: «Entre para o jipe, vamos dormir à esquadra.»

– Eu e os meus irmãos fazíamos fogo-de-artifício com palha-de-aço. Que a minha mãe comprava aos rolos. Só que, por vezes, tínhamos que ir apagar o fogo no campo de um vizinho a arder. E a minha mãe ficava sem palha-de-aço para arear os tachos.

– A minha avó dizia; «Não brinques com o fogo que mijas na cama!»

– Era eu garoto, disse aos rapazes da minha rua que sabia cuspir fogo. Enfiei um papel na boca, reguei com diluente e incendiei-me todo. Um moço de catorze anos, aterrado, deu-me uma bruta chapada na cara.

– Junto ao riacho, as lavadeiras cuidavam de lavar a roupa e de a pôr a corar. Eu e os meus irmãos, para as afugentar, atirávamos-lhes ovos chocos e fedorentos que íamos buscar ao galinheiro dos meus pais. Quando éramos descobertos, levávamos uma coça. Um irmão meu fazia uma outra habilidade: furava os ovos frescos, bebia-os e voltava a colocá-los, vazios, no ninho...

As histórias dos outros ensinam-nos coisas e também nos desaprendem. São histórias que nos desprendem do eu com que as ouvimos. Mas isso não significa que não fiquemos, por reacção, mais perto de nós.

– Ia eu a pé. Dei de caras com um gato. Pus-me a persegui-lo. O gato entrou numa viela. Eu segui caminho. De súbito, voltei a vê-lo. Assanhado. Foi a minha vez de fugir. Em pânico. Na verdade, atrás do gato, vinha um cão...

– Nunca um homem, mesmo bem-intencionado, deve estar em má hora no sítio errado. Pois embora ao menino e ao borracho ponha Deus a mão por baixo, o pobre bêbedo do meu bairro levou com um banco na mona quando estava a comer uma malga de caldo. Era uma esmola. E a ser comida na rua que é de todos... Entre vizinhos desavindos até os pedintes podem ser judiados.

– A gente, noutros tempos, ia ao café para ver televisão. A televisão ficava numa sala separada e o patrão do café cobrava entradas, como se fosse uma sala de cinema. Custava 50 centavos.

– Havia uma família a quem chamavam os Amarelos. O nome vinha de um episódio atribuído ao bisavô que, numa noite de bebedeira, foi mungir as cabras. Como já estava toldado pelo álcool, em vez de se agarrar às tetas de uma fêmea, foi mungir o macho. Apertou-lhe os testículos. O bicho protestou. Mas o sujeito não o largou dizendo: «Não há mé nem meio mé. Hás-de dar um litro e meio como a Amarela.» Donde a alcunha da família.

– Um senhor da minha aldeia tinha um belo cerejal e gabava-se de que ninguém lhe roubava cerejas. Mas nós quisemos ir lá durante a noite. Subimos às cerejeiras. De súbito, debaixo das árvores fez-se dia. Era a procissão das velas do 13 de Maio, em honra da Senhora de Fátima...

Ouvimos as histórias dos outros. Pedradas no charco. Somos ágeis como rãs e dificilmente nos deixamos atingir.

– O meu pai tinha um Honda 600 todo kitado. Andava sempre a capotar. Uma vez, foi atrás de uma rapariga que ia ao volante de um Renault 5. Capotou pela quarta vez. O chapeiro não conseguiu consertar o tecto do carro que já tinha passado por outros desastres. Então o Honda 600 do meu pai passou a ser o único descapotável daquela marca em Coimbra.

– Festa do Avante com um bando de amigos e o Sérgio Godinho em palco. Estava um gelo, sopravam frias rajadas. A gente tapou-se, encolheu-se. Encostámo-nos uns aos outros para aquecer. O meu amigo Speed, de Amares, estava apostado em engatar uma inglesa que se tinha juntado ao grupo. A certa altura eu senti uma mão marota a subir-me pela perna acima. E disse: «Ó pá, essa perna é minha!!!»

– Teria eu 16 ou 17 anos, pedi licença para sair à noite. Foi-me dada a licença e uma hora limite. Eu atrasei-me. Procuraram-me no rio, no hospital. Tive oito dias de castigo.

– Um dia pedi à minha mãe para sair à noite. Cheguei às 10h. Levei uma bofetada que nunca esqueci.

Quando as histórias dos outros se calam, as nossas não começam forçosamente. E há tantas histórias feitas de silêncios.

– Estávamos no Luxemburgo. Certa noite, lá pelas 3, decidimos atravessar a fronteira e ir a França roubar galinhas. Meu dito meu feito. Mas como matá-las e prepará-las? A nossa amiga era de uma religião que lhe proibía matar bichos. Lá fomos nós, noite dentro, com as galinhas dentro da mala. Acabámos por esquecer que as tínhamos. Só às 4 da tarde é que demos com elas quase asfixiadas, uma delas já morta. Pedimos a um sem abrigo que nos desenrascasse uma panela e tentámos cozinhar a galinha. Mas ela era tão dura que não conseguimos comê-la.

– Reconstrução do túnel de Chamonix, depois do incêndio brutal. 14 Km de subterrâneo. Só eram permitidos carros a gás. Mas os senhores doutores vinham com os bólides deles a gasolina. Lá na frente de trabalho, os operários desmaiavam com os gases. De início, havia um aparelho que apitava para sinalizar o ar envenenado. Mas os cabreiros, que queriam a obra acabada depressa, cortaram com esse dispositivo. Fui-me embora. A bordo do avião da Swiss Air, emborrachei-me com as garrafinhas de whisky que vários companheiros tinham deixado de lado.

– Construção de um túnel em Trás-os-Montes. Vivíamos como escravos, na badalhoquite. Principalmente os ucranianos. Tiravam-lhes os documentos. As instalações eram imundas. O trabalho perigoso: arrebentamentos nocturnos com pólvora. Mas também já rapei fome em Marselha...

Passamos pelas histórias dos outros como os leões atravessam arcos em fogo. Não sabemos se queremos ou não queimar-nos.

– Um dia moldei em barro um casal de namorados. O casal parecia tão real que alguém inscreveu no barro o nome de dois verdadeiros namorados. Com essa peça ganhei um primeiro prémio. Bem merecido.

– A minha amiga Rosinha tem um restaurante. A Rosinha é casada. Da última vez, só estive com o filho dela. Eu fui criado não pelos meus pais mas pelos avós. Tenho saudades da minha amiga Rosinha...

– Eu não me lembro de nada, apagou-se-me tudo. Tudo. No dia em que aqui cheguei, não consegui dormir. Embora estivesse tudo às escuras, desci para fumar um cigarro. Quando quis voltar para a cama, enganei-me e entrei no quarto dos homens. Eles nem deram por ela. Não me lembro de nada. Apagou-se-me tudo. No escuro. E não sei se quero alumiar.

**Regina Guimarães e Nuno Sousa com Alice M, Andreia António,
Bárbara, Bartolomeu, Bruno, Carlos A, Carlos F, Delfina, Domingos, Helena,
Emanuel, Fernando, Filomena, Joaquim C, Joaquim S, Joaquim V, Lara,
Madalena, Maria José, Paulo F, Paulo S e Ramiro
na Comunidade Terapêutica da Ponte da Pedra, Porto
Ilustração de Nuno Sousa**



Diploma de recluso profissional

Uma coisa não é sempre o que parece
toda a gente se engana, por exemplo
tu achas que isto aqui é uma prisão
na verdade é uma universidade
onde se aprende a confessar, denunciar
desconfiar de todos (mesmo de ti mesmo)
lamentar o que perdeste (não o que fizeste)
e sobretudo a ver passar o tempo
daqui saís diplomado para a vida
pelo menos farás tudo para não voltar

REFRÃO :

A prisão está em toda a parte
em nós inclusivamente
a liberdade está sempre
do outro lado das paredes
e as cidades são feitas de paredes
até o meu crânio é mais uma parede
e o resto são apenas grades
grades que rabiscam pássaros no céu
grades que a caneta desenha no caderno

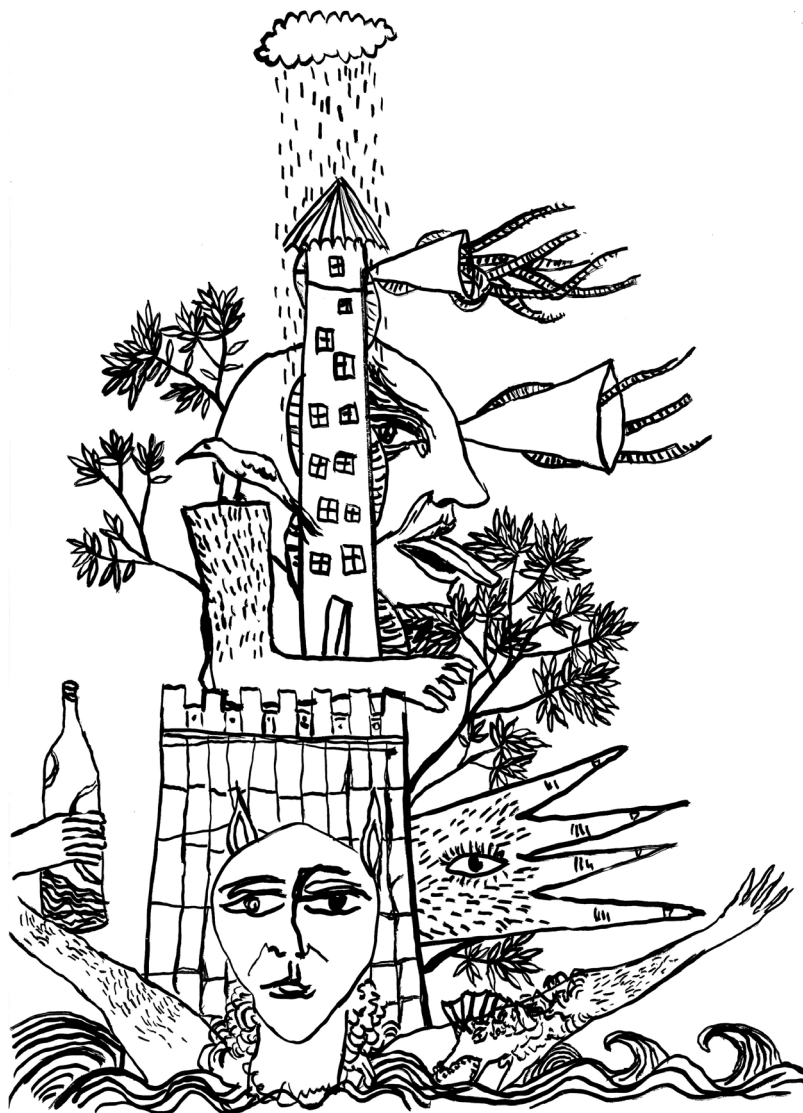
Percebes que és tão-só um amador
se queres ser ladrão mais vale seres banqueiro
convém comprar uns tantos deputados
convém corromper alguns polícias
e subornar alguns agentes das finanças
São tudo despesas de representação
pedir-lhes recibo seria má-criação
para ganhares rios de dinheiro
precisas de pagar bué primeiro
se gostas de graveto, terás de nascer rico

REFRÃO

Somos prisioneiros das nossas ideias
porque elas não são nossas realmente
foram metidas nas nossas cabeças
para nos conduzir nos controlar
a ideia que o dinheiro faz o homem feliz
a ideia que a família é uma escola de amor
e de que o castigo é para o nosso bem
e de que a cadeia nos torna melhores
ou a simples ideia que lá fora
és bem mais livre do que dentro de uma jaula

REFRÃO

**Saguenail e João Alves com Açores, Budju Lopi, Ghost, Juvino,
Kbp Tigax, Linha-C, Mico, STB, Tonekaz e Wizzy
no Centro Educativo Santo António, Porto
Ilustração de João Alves**



Língua de querer

Quero o meu rosto gravado
na Muralha Fernandina,
com olhos de beber o rio
em água turva ou cristalina.

Quero um falcão durim
tatuado nos meus ombros
e o riso de mil línguas
a erguer-se dos escombros.

Quero uma fala rente ao chão
a auscultar o meu peito,
que meça o pulso ao sentir
e traduza o meu jeito.

*Esta língua de ser e não calar
Une mortos e vivos no tempo
Faz o manguito aos acordos
Vai do céu-da-boca ao firmamento.*

Quero ver um pé fantasma
subir as escadas do meu prédio,
dizer palavras que só eu escuto
ocultas sob a cal do tédio.

Quero colar o braço que parti
ao esqueleto do Marco Aurélio.
Estóico com lábios de gesso
faz o verbo voar como hélio.

Quero beber uma Coca-Cola
Com o meu amigo Camões.
Sugar-lhe técnicas de engate,
dizer o amor sem bordões.

*Esta língua de ser e não calar
Une mortos e vivos no tempo
Faz o manguito aos acordos
Vai do céu-da-boca ao firmamento.*

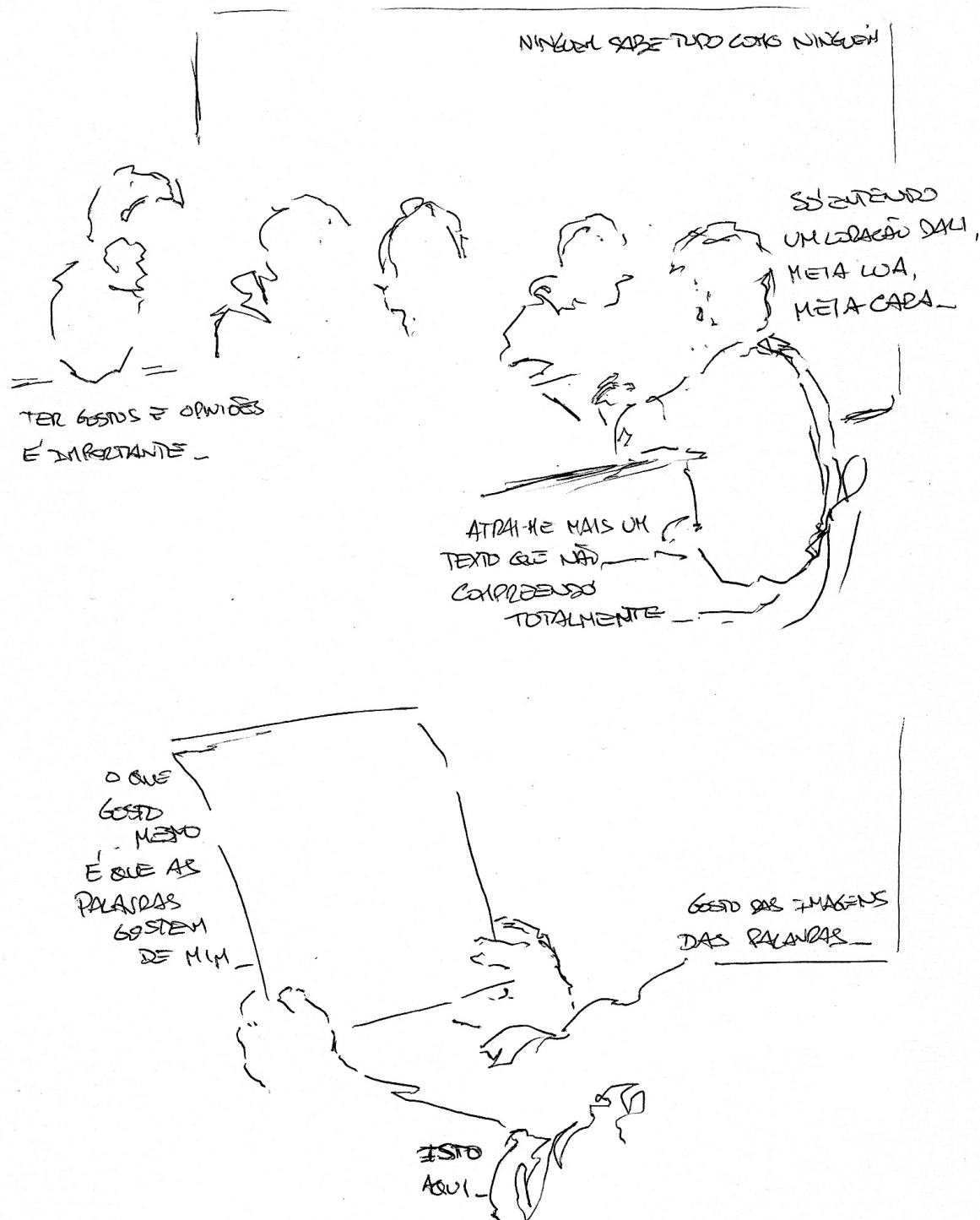
Quero a minha mão pousada
sobre a quinta linha do farol,
que mesmo no escuro brilhe
Como baba de caracol.

Quero uma boca redonda
desenhada no meu tecto,
uma caligrafia de veias
e o amor em dialecto.

Quero uma língua só minha
Amada até aos dentes
Que prove o sabor da fúria
E de mil beijos cadentes.

*Esta língua de ser e não calar
Une mortos e vivos no tempo
Faz manguito aos acordos
Vai do céu-da-boca ao firmamento.*

**Inês Mendes e JAS com Aires, Beatriz, Catarina, Daniela, Emanuel, Flávia, JB,
Jessica, Kinder, Matos, Malhão, Moreira, Neguinha Fati, Tatiana e Vidal
na Qualificar para Incluir, Porto
Ilustração de JAS**



Ninguém sabe tanto como ninguém

Ninguém sabe tudo. Ninguém sabe tudo nem sabe nada. Não há nada como saber que ninguém sabe quase nada de quase tudo o que pensa saber. Gosto de dizer por palavras minhas o que vocês me ensinam. Gosto das palavras todas. Porque todas me pertencem, mesmo quando me agredem: mesmo daquelas de que não gosto, espero... desespero... e fico a gostar. Na verdade, gosto mais da ideia de gostar de palavras do que de gostar, assim, mais desta ou daquela. Verdade verdadinha, o que gosto mesmo é que as palavras gostem de mim e pronto.

Gosto de palavras escritas, lidas, ditas, escutadas. Gosto mais de ler, gosto mais de ouvir, gosto mais de escrever, tanto se me dá como se me deu. E se dou erros, são dados, aproveitem: há quem os compre caro a quem os vende e não se queixa.

Gosto de literatura mas isso de *Uma Aventura*, ou lá o que é, já era. Na minha ótica, tudo até se vê melhor na literatura erótica. Palavra a palavra, a entrar e a sair do texto para a imaginação. O texto por baixo e a leitura por cima ou ao contrário, no recanto da sala ou na areia da praia. Aqui todos somos Capitães da Areia (e somos tão Amados como o Jorge). Capitães de castelos de areia como os netos e os bisnetos dos Filhos da Droga. E, francamente, Anne Frank, os nossos dias também não são fáceis, mesmo quando são dóceis.

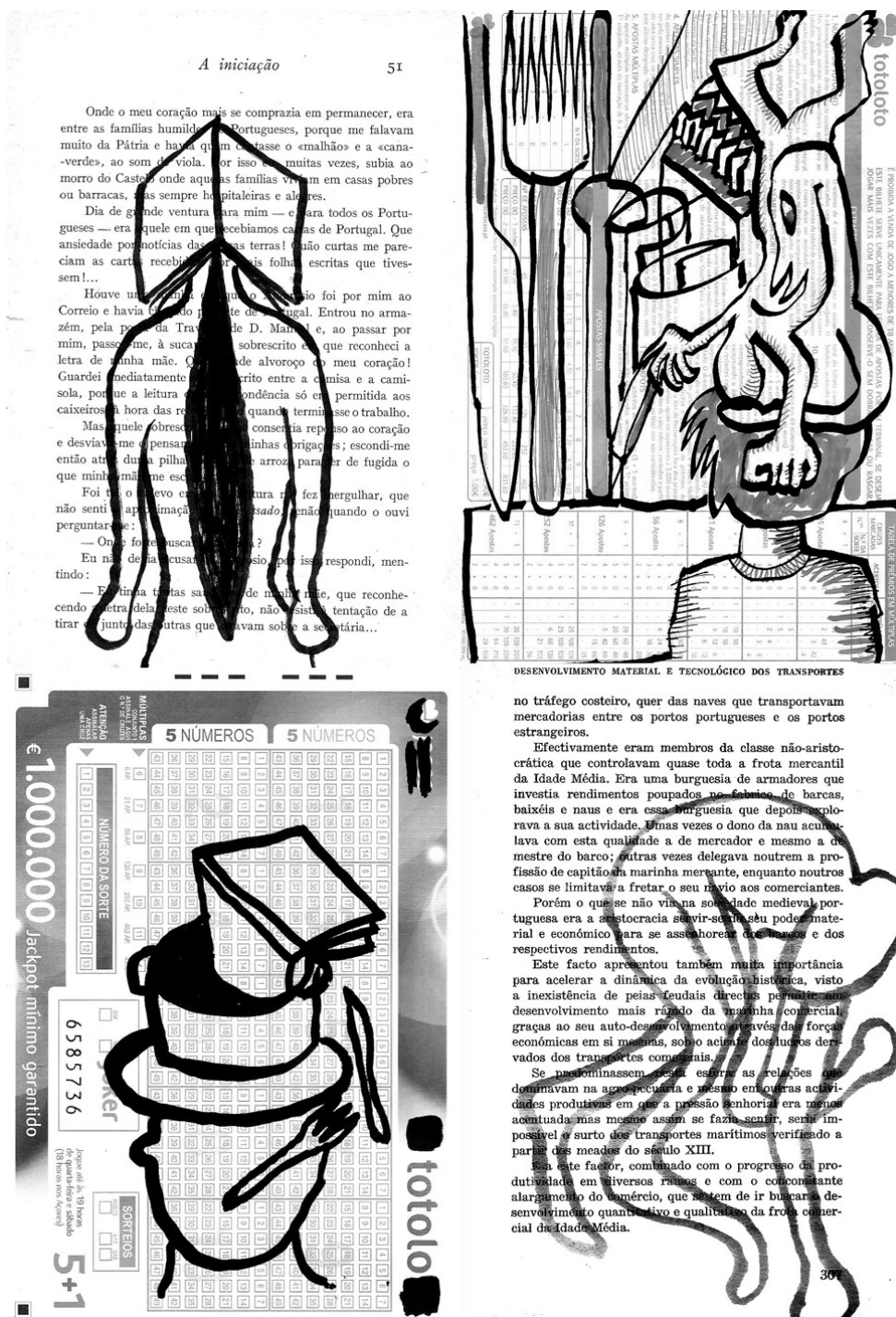
Gosto de imagens que me ajudem a entender as palavras. Gosto de imagens sem palavras para entender. Não gosto de imagens dentro da televisão, que mente com quantas cores tem, no pequeno horizonte e em grande formato. Não teria nada contra a televisão, desde que ela não tivesse nada contra mim. Mas, que se pode esperar de quem se ri de nós quando caímos e disfarça o riso com aquele ar sério que mistura esperança e cinismo?

A esperança está onde mais se desespera. Está onde a espera não é como se esperava. Espero sinceramente que a esperança saiba esperar por mim sempre que me foge. Espero que a esperança saiba que precisa de alguém que a tenha. Ainda bem que a agarrei antes de vir para cá. Assim espera por mim aqui, onde mais preciso dela.

Isto aqui não é tão mau como pensam lá fora. É que todos lá fora parecem não saber que também estão dentro. Dentro da sua cidade, do seu país, do seu planeta. Dentro de qualquer coisa, às vezes nem sabem de quê: dentro de si mesmos, habitando os seus hábitos, presos entre pressões, feitos e refeitos pelas suas ideias feitas.

Isto aqui não é como pensam lá fora. Até as pombas sabem: por isso, não largam a janela a ver se entram (só os *Cães Danados* é que não há maneira de entrarem na biblioteca). Quando sair daqui, vou sair acordado. Tenho sonhado com isso. Tenho sonhado que vou acordar. Tenho sonhado que vou acordar e sonhar ainda mais acordado. E tu? Tens sonhado comigo? Quando te encontrar, vais dar-me a tua mão? Ou não me queres ao pé?

**Emilio Remelhe e Joel Faria com Pedro, Leandro, Saraiva, Djessy,
Ruben, Augusto, Jorge e Manuel
com Emílio Remelhe e Joel Faria
no Centro Educativo Santo António, Porto
Ilustração de Joel Faria**



Sentei-me no círculo de alta pressão. Estou quase a ver e a ouvir. Estou quase aqui.

Sou a Moura, o Mariana, a Celso, o Rita, a Miguel, o Helena, o Paula, o Patrícia, a Carlos, o Carla, a Emanuel. Sou este caldo de vozes e estas vozes no fundo da cozinha.

O Mouriana, a Celsita, o Miguelena, a Paulícia, o Carema, a Carnuel. Passei pelos cursos que não eram do rio. O rio da vida desaguava noutros cursos. Ora seco, ora caudaloso, o rio da vida. Prestes a transbordar ou a falar de sede antiga.

Sou o Marinoura, o Ritso, o Heguel, o Pataula, o Losca, o Emanuca. Tenho filhos e não tenho filhos, só faço raparigas, só sofro como e com os rapazes, é conforme o corpo dos dias e o curso dos acontecimentos. Por vezes faço acontecer. É grande a minha barriga e eu a vê-la crescer. Outras escondo-me atrás do que acontece. Do que me acontece.

Sou Mou, Mar. Cel, Ri. Mi, Hel. Pau, Pat. Car e Car. E Ema. Tenho 24, mais 24, mais 19, mais 18, mais 20, mais 22, mais 27, mais 24. Mais 44, mais sabe deus. Sou uma eternidade sob a asa de mulheres sem idade. Digo que estou por acaso e sou por acaso. Atravessei o salão de cabeleireiro, a sala de multimédia, o serviço de mesa e de bar, a pequena monarquia da informática, a grande república electrónica, o limbo das humanidades. E mudei de rumo. Tentei escolher um beco com saída. Escolhi um ofício de boca.

Sou Rana, Sota, Guelna, Latrícia, Oslanuel. Este lugar donde falo fez-se à custa de mentiras musicais que faziam levantar os bancos da escola. Este lugar onde me falta a voz fez-se escorregando os mouros, os sarracenos, os infiéis, os maometanos, os muçulmanos, os alcoranistas, os moslemes, os islamitas. Este lugar onde a memória me falha fez-se escravizando pretos e cafres e cativos e negros e mulatos e caboclos e pardos e mamelucos e trigueiros e criados e crioulos e servos e mestiços e monhés e boys colocados à frente de carroças. E hostes de criadas de servir roubadas às aldeias ditas do interior.

Neste lugar de cozinha, neste lugar de corpo presente, eu quero pôr a mão na massa, e o dedo na ferida, e o pé em ramo verde, e a pata na poça, e a boca no trombone, e até o nariz onde não sou chamado. E desde já te digo amigo-inimigo, antes pasteleiro que pastel, a lei do mercado não perdoa e se o futuro for merda talvez não haja para todos.

Moura-me, tu que me queres gourmet. Mariana-me, tu que me iludes no jogo das aparências. Celsa-me, tu que me pões em banho maria até eu virar banho manel. Rita-me mas não me irrites. Miguela-me e explica-me toda a nouvelle cuisine num power point. Helena-me mas não me vendas gato por lebre. Paula-me com pau de canela e arrepiia caminhos marítimos para a Índia. Patrícia-me por um triz e salva a mayonnaise acrescentando mais um ovo. Carlos Magna-me e Carlota-me Joaquina nesta república das bananas governada por reizinhos. Ema na gema e nu na notícia, embrulha-me em jornal como sardinha biba e faz as palavras cruzadas. Mesmo que o papel cheire a peixe que tresande. Mesmo que o filho de peixe não saiba nadar. Porque os peixes, minha amiga-inimiga, os peixes não crescem nas árvores.

**Regina Guimarães e PAM com Ana C, Ana R, Carla, Carlos, Celso,
Emanuel, Helena, Mariana, Miguel, Moura, Patrícia, Paula e Rita
na Qualificar Para Incluir, Porto
Ilustração de PAM**



Bastará que se conte

Não eram muito mais que meia dúzia, os que naquele dia se encontraram numa encruzilhada. Não se sabe como explicar o acaso daquele encontro. Sabe-se que chegaram devagar e na encruzilhada ficaram cativos.

Dos caminhos feitos até ali chegar convirá guardar reserva. Importa que fiquem anónimos mesmo em tempos de leituras furiosas.

Bastará que se conte como cada légua ficou gravada na pele e no olhar e que na sua bagagem, pouco mais levavam que aquelas coisas miúdas que sempre ajudam o caminho – um caderno de desabafos, cartas de amizade e amor, o retrato da mulher ou das crianças, os desenhos dos filhos, um livro, uma flor, um álbum de memórias – e, é claro, água e pão.

Bastará que se saiba que nesse punhado de gente havia quem viesse de longe – das terras da Póvoa – e quem viesse de perto – das terras do Sul. Havia quem trouxesse um animal de estimação, como aquele moço do Chihuahua, o mais jovem. Havia também uma mulher vestida à marinheiro que lia e falava de despertadores sem ponteiros, do tiquetaque parecia um bater de coração.

Bastará que se revele a voz dos que ali se descobriam como poetas: «Sei que a poesia não me obedece, não a entendo com a certeza do que ela significa, quero lembrar-me dela e ela de mim se esquece, não sei para onde a poesia vai mas sei que vai. Decerto se perderá. Para que isso não aconteça, às vezes acompanho-a, eu a ela. Outras vezes acompanha-me ela a mim, e ficamos sentadas, falando e pensando as nossas vidas.»

Chegaram em tempos diferentes, ajeitaram-se no desconforto possível – nenhuma encruzilhada é confortável – e como se tivesse hora marcada e o homem das fábulas contou que depois de 500 flexões matinais e meia hora de leitura, sorria ao espelho, garantindo assim o bom começo de dia. O homem das fábulas sabia histórias de meninos que puxando um fio conseguiam reduzir a espera e ganhar ao tempo. Todos o desejam!

Havia quem ficasse a olhar perdido e quem já tivesse conhecido muito mundo e muita profissão. Quem tivesse sido aprendiz, mestre, patrão, e se visse agora refém do tempo e da encruzilhada.

Havia quem na encruzilhada se descobrisse como filósofo: «O que vejo tantas vezes atropela aquilo que sou e corro o risco de me ver transformado naquilo que vejo... Sei que sou para além do físico. O espelho devolve-me por vezes um rosto irreconhecível. Pergunto-lhe: – Porque não falas comigo espelho? Sei que não sou só o que vejo. Outros não.»

Havia um primo de poeta que desfolhava malmequeres furiosamente – «Malmequer, bem me quis, fico ou vou embora, senhor juiz? Malmequer, bem me quis, fico ou vou embora, senhor juiz?»

**Cristina Taquelim com João, Carlos,
Célio, Ricardo, Pedro e Joaquim
no Estabelecimento Prisional de Beja / Biblioteca Municipal de Beja
Ilustração de Susa Monteiro**



Palavras do Norte ao sol

Emprego: não há!
E com o euro: não dá!
E os impostos, oh lá! lá!
Estamos fartos, fartos, fartos...
De todos esses velhos... politiqueiros
De todos esses grandes palavrosos
Que são uns bons merdosos...

Discursos, discursos, discursos...
Já não os posso ouvir...
Discursos, discursos, discursos ...
São só palavras, sempre só palavras ...
Discursos, discursos, discursos...
Palavras que soam a falso...

E além disso não queremos...
Ser Champagne/Ardenne!
Norte-Passo de Calais
Essa é que é a nossa região.

No Norte, era o bairro operário...
A terra, era o carvão
O céu, era o horizonte
Os homens, os contramestres...
OUTRA VEZ... TODOS JUNTOS.
No Norte, era o bairro operário...
A terra, era o carvão
O céu, era o horizonte
Os homens, os contramestres...

E já que hoje é domingo,
Amanhã é segunda... Feriado!
Podemos então cantar:

Segunda-feira ao sol...
É uma coisa que amanhã teremos...
É sempre a mesma coisa
Quando se está no fundo da mina
É que o sol brilha...
Então amanhã... não se trabalha!
OUTRA VEZ... E TODOS JUNTOS.
Segunda-feira ao sol...
É uma coisa que amanhã teremos...
É sempre a mesma coisa
Quando se está no fundo da mina
É que o sol brilha...
Então amanhã... não se trabalha!

Obrigado!

Este texto é dedicado pela população de Etouvie à pequena Cassandra, que,
há um ano, se afogou no Somme.

**Alexandre Dumas com Marceline Devauchelle, Pierre Desmolin,
Cédric Langue, Denis Bruno e Jean-Pierre Mauduit**

Amiens

Ilustração de André

Tradução de Manuela Torres

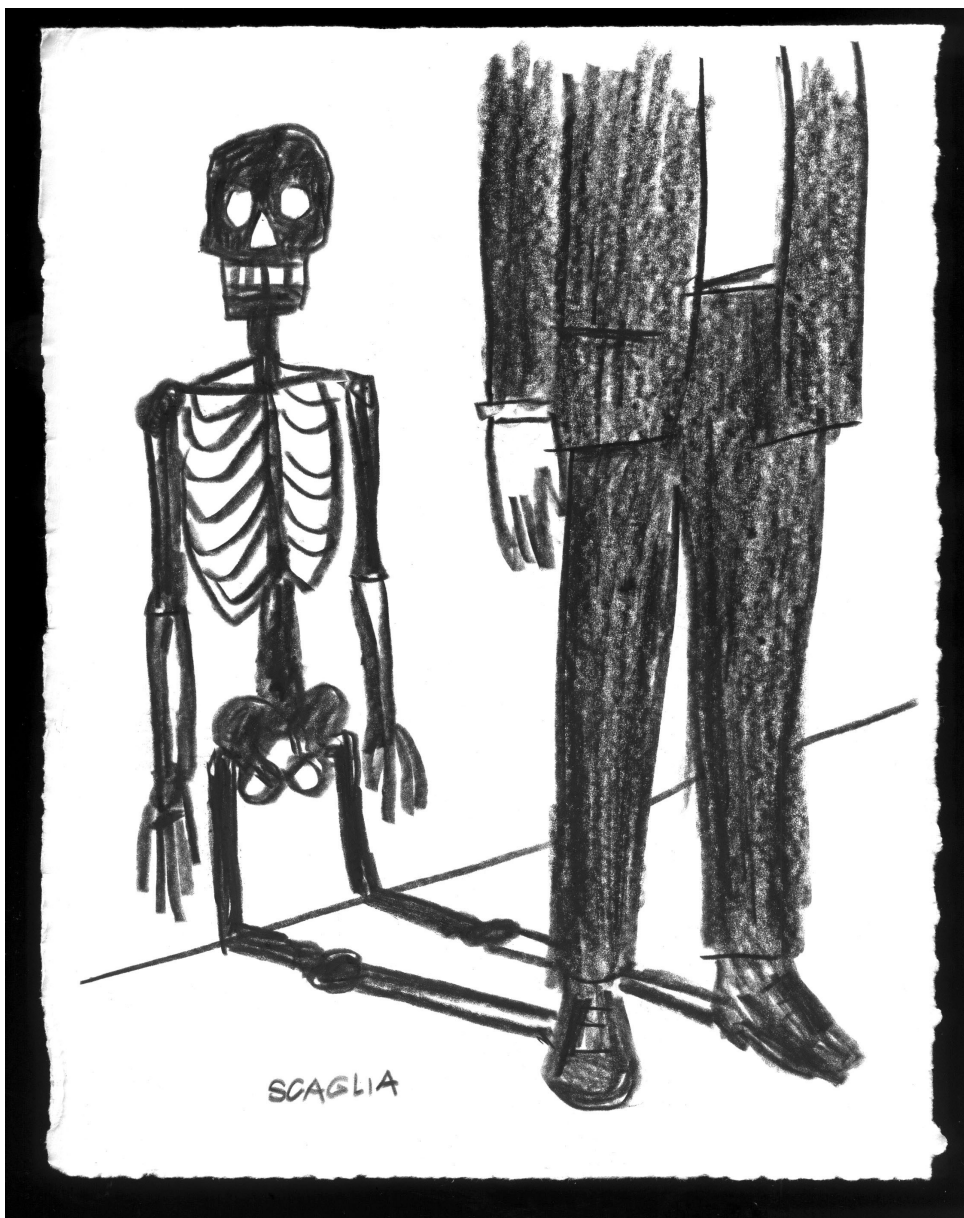


Animal furiosa

- Afinal, o que é que vos interessa, na vida?
- Os animais!
- Os humanos não?
- Os animais, há mais amor neles que nos homens!
- Porque é que dizes isso?
- O meu cão é como a minha vida!
- Explica-me lá.
- O meu cão é a minha vida: quando chego a casa, salta-me para cima... Mas não é para me chatear ou para me bater. É para me fazer festas. Adoro as carícias dos caninos, é maravilhoso.
- Eu cá prefiro os «gâtos»!
- Os gatos?
- Os «gâtos», sim, é assim que se diz aqui... E não disse «aquê». Não estamos na terra dos pategos!
- Eu tive um, chamava-se *Blanco*...
- E eu um *Bambi*!
- E eu uma *Princesa*!
- Tem classe, esse nome...
- *Dior*, também é bom, como a publicidade dourada!
- Eu, um *Caramelo*.
- E *Scoubidou*!
- Eu prefiro os cães. O meu é um buldogue...
- E faz-te festas, o teu buldogue?
- É uma coisa muito séria ter um animal, é preciso saber tratar dele.
- Eu tive uma aranha caranguejeira, chamava-se *Mysti*!
- O quê?
- Sim!
- Eu cá conheço um coelho que come uma cenoura cada cinco minutos...

- E eu uma garça-real de bico grande que julga que é um flamingo cor-de-rosa.
- Eu tenho medo que o meu cão se suicide...
- Como é isso?
- Quando está na varanda, tenho medo que ele salte no vazio e se mate.
- O meu irmão deu um tiro num pássaro que eu tinha. Era uma caturra elegante de crista branca.
- Diz-me lá isso outra vez, se não te importas.
- Uma caturra elegante, é uma variedade de periquito australiano.
- E o teu irmão matou-a?
- Sim, ela fazia-lhe nervos: deu-lhe um tiro na cabeça...
- Eu tive um caranguejo Bernardo eremita!
- O quê?!
- É verdade, num aquário.
- Eu também tenho peixes. Mas fazer-lhes festas não é fácil.
- Para que vos serve, além de brincar e fazer festas? Um animal...
- Para guardar a casa... Têm um faro cem vezes superior ao nosso. Além disso ajudam os cegos e os surdos...
- Porquê os surdos?
- E porque não? É preciso lavá-los de dois em dois meses e são muito carinhosos...
- Quem, os surdos?!
- A minha cadela, Câline, um dia ligou a televisão e pôs-se a ver o Garfield. Ladrava quando via o gato cor de laranja.
- O meu também é maluco por festas. Quando vê um gato - mesmo que não seja o Garfield -, não consegue controlar-se. Corre atrás dele para brincar, mas a gata não percebe, porque é uma gata mal acarinhada.
- Eu cá adoro os cabelos...
- Queres dizer os cavalos?
- Não, os cabelos dos cavalos, são o máximo.
- Uma crina, não me digas...
- A crina das miúdas, também gosto.
- O meu gato, ele bebe a água das retretes e o meu cão come o seu cocó.
- Os galos, são mesmo muito muito muito muito bons! Bem cozinhados...
- E as suricatas, então? Porque é que não se fala das suricatas? É amorosa, uma suricata.
- Mas cheiram mal do rabo...
- Como é que sabes isso?
- Estão todo o tempo de nariz no ar a perguntar: quem deu um pum?
- Não é preciso ir muito longe para sonhar com suricatas. No parque da Hotoie, mesmo ao pé da escola, temos a África à beira do rio Somme.
- Em suma, vocês são miúdos que gostam mesmo dos animais.
- E sobretudo dos que gostam de festas.

Guillaume Chèrel, com a turma do 6.º 1 SEGPA,
composta por Bruna, Damien, Emmanuel, Justine, Mathieu, Nahela, Pauline e Rose
na escola Edouard-Lucas, Amiens
Ilustração de André
Tradução de João Rodrigues



Grandeza de alma

«Sensual. Encaixar. Ondular. Dois. Regressar. Embaixador. Variável.»

Eras capaz de começar uma história com estas palavras tiradas ao acaso do dicionário?

Nada é impossível, embora eu não seja muito boa a ler e escrever. Se soubesses todos os obstáculos que me apareceram na vida. Aprendi línguas estrangeiras a falar com as pessoas na rua, corri riscos, fui ao encontro do desconhecido quando os nossos mundos não tinham nada a ver um com o outro.

Mas estas palavras, eras capaz de começar uma história com elas?

Claro. Se conseguir, também consigo vir a ser embaixador, jornalista desportivo, aprender chinês como aprendi a língua fula, a língua dioula e o francês, à força de andar por aí e de procurar um sítio para dormir, ou de comer, ou onde trabalhar. Apesar do medo, o meu desejo de furar as fronteiras era mais forte do que tudo. Este mundo, estás a ver, é um labirinto de muros que temos de rebentar com as nossas cabeças, as nossas peles, as nossas lágrimas, os nossos gritos.

Consegues ou não consegues? Sensual, encaixar, ondular...

Posso fazer mais do que uma história com essas tuas palavras saídas de não sei onde. Posso forçar este destino miserável que se atravessou no meu caminho. Todos estes anos, encontrei a minha motivação, a minha força, o meu sol, a minha língua universal, aqui no fundo das tripas, enraizado para sempre e que ninguém me pode roubar. Os mundos, o meu, o teu, todos os mundos, vão-se entrechocar e fazer que daí nasça qualquer coisa de grande. Vais ver. A vida é feita de encontros, como o nosso, tu e eu, improvável ainda há poucos minutos e no entanto real. Porque, estás a ver, todos nós aqui, náufragos de Portugal, do Magrebe, da Guiné-Bissau, da Costa do Marfim, do Sudão, do Egipto, existimos e temos a vontade colada ao corpo, é o nosso sangue. Ninguém no-la pode tirar.

... dois, regressa...

Sim, sou capaz de fazer grandes coisas. Já o sobreviver, é grande. Estar aqui diante de ti, também é grande. Falar contigo, sair do meu silêncio, é imenso como esforço. Os outros que têm tudo, as palavras, o saber, as coisas, não fazem ideia, ou então já esqueceram o que isso é. Por mim, sei a oportunidade que tenho, tenho-a aqui na cova do meu peito, e bate como um coração prestes a rebentar como o sol da minha infância, quente e puro. Quando me lançar a viver a minha vida, vou resplandecer, livre, as veias cheias da felicidade de ter escapado do inferno. Há-de ser essa a minha história, a que vou escrever, a que tu não esquecerás.

... embaixador, variável.

Sentes o cheiro da morte e o cheiro persistente do esquecimento impossível, sente-lo? A mim, segue-me todos os dias como a minha sombra. Tu, debaixo desse olhar duro, serias capaz de atravessar os mundos obscuros que os meus olhos puderam ver, que o meu corpo pôde suportar? Serias capaz de inventar uma vida feita de privações, de sofrimentos? Serias capaz de estar aqui diante de mim como eu estou diante de ti, digna? As palavras que eu tenho são os passos que me trouxeram até ti. E tu, que fizeste tu de grande pelos outros?

**Hafid Aggoune com Abaenan, Samya, Nélida,
Solange, Abdellatif e Redouane
em St-Roch, Amiens
Ilustração de Scaglia
Tradução de Zé Lima**



Amanhã, palavras

Amanhã, palavras
Disse o professor,
Amanhã faremos palavras, toda a gente o diz.
Palavras em linhas, palavras em fila indiana, frases...
Treinamo-nos com letras.
Eu domestiquei o T, o R e o Q

Amanhã deixamos de ser
Pequenos, médios, grandes... último ano antes do Preparatório.
Pequenos. Voltaremos a ser pequenos
Crescer para encolher...
Que raio de ideia.

Amanhã, palavras
Hoje, as palavras das mãos
Sim, hoje escreve-se com os dedos.
Fazemo-los beber a tinta num godé e depois...

A galope no papel
Foi o que disse o professor:
Façam-nas correr!
Façam-nas falar!
Contem-nos uma história, escrevam com a pele!

Eu cá faço as minhas palavras a ponteadão
Sou tímido, conto a minha história com a ponta dos dedos
Pic, Pic, Ploc...
É uma história de silêncio.
De pequenos passos sobre a neve fresca da minha folha grande.
Pic, Pic, Ploc
História de uma princesa muda.
Vai ficar na sua torre, prisioneira do dragão...
A minha princesa não viverá.

As palavras das mãos...
Zás! Morgan esbofeteia a folha.
Uma grande chapada com a mão inteira.
Zás! Chovem bofetadas no papel. Já não se vê nada.
Uma enorme nuvem negra de tinta fresca... É a confusão...
Certamente uma disputa.

Amanhã, palavras
A minha prima já está no Preparatório. Não esperará por mim.
Por muito prima que seja, não esperará por mim.
Terei que correr toda a vida atrás dela...
A não ser que ela falhe e chumbe.

Amanhã, palavras
Palavras e deveres!
Hoje queremos, não fazemos mais que querer:
Eu cá quero, diz Adriano
E eu não quero, diz o professor
Se não parar de querer constantemente, Adriano nunca estará preparado para encolher.
Nunca estará preparado para o Preparatório. Ficaré grande ainda mais um ano...
Eu cá estou farto de ser grande.

As palavras das mãos
Falar com as mãos, dizer com a pele.
Histórias de amor, histórias de flores, histórias de morte... é a tinta preta que faz isso...
Rabisca-se, traça-se, expõe-se, desfia-se os fios de tinta, o fio da história.
Empurramo-la com o dedo, encaminhamo-la,
Fazemo-la falar...
Ficam palavras no meu godé de plástico
Não disse tudo, precisava de outra página.
Essas palavras ficam perdidas, vão acabar por secar.

As da minha folha ainda estão moles
Ainda posso deformar a minha história, acariciá-la,
Deturpar as minhas ideias.

Rabisca-se, traça-se, expõe-se, desfia-se os fios de tinta, o fio da história.
Um bocado escorre-me do dedo e cai no chão.
Sónia pisa-o e leva-o no sapato.
A minha história espalha-se pelo corredor,
É uma narina de dragão que se arrasta até à sala das torneiras.
Está tudo preto no lavatório. Despejamos as palavras a mais que ficam coladas às mãos.
Todas essas frases formam luvas.
Oh!, diz a mulher que vem limpar as nossas frases a mais.
Oh! Ela teve medo. É natural, Luna acabou de despejar um lobo no lavatório.

As palavras das mãos.
Fiquei com uma mão muito limpa, sem nada, muito rosada.
Quando a minha outra mão se fartar de fazer rolar palavras como quem faz rolar pedras...
Poderá retomar o fio negro da minha história.

Rabisco, traço, exponho, desfio os fios de tinta, o fio da minha história.
Desbobino as minhas frases, estendo a massa das minhas ideias...
Terminei.

De que serve escrever?
Luna, Erika, Noéline, Morgan, Soan, Doa, Thais, Gloria, Carly, Lucas, Alexandre, Rayane, Hous-
sene, Nahije, Mane, Sonia, Adriano, Mohamed, Jeff, Majid, Saraa, Ines...
O professor escreveu todos os nossos nomes.
Escrever serve para fixar os nomes.
Quando se for embora lembrar-se-á de nos escrever. Parte, mas pensará em nós. Escrever serve
para isso...

As palavras das mãos.
Os nossos antepassados, que viviam nus... escreveram com a ponta dos dedos.
Na pedra das grutas, no escuro.

**Zemanel com Luna, Erika, Noéline, Morgan, Soan, Doa, Thais, Gloria,
Carly, Lucas, Alexandre, Rayane, Houssene, Nahije, Mane, Sonia,
Adriano, Mohamed, Jeff, Majid, Saraa, Ines
Amiens
Ilustração de Véronique Groseille
Tradução de Manuela Torres**



O canto das palavras

Esta manhã vais atravessar terras enevoadas. E também uma floresta. E vais guiar um camião vermelho. Como o capuchinho vermelho?, perguntou o autor. E também vais encontrar o grande lobo mau? Sim, responderam eles, a bibliotecária de Beauchamps, e vais ver como ela tem uns dentes tão grandes... E foi-se embora, o autor, saiu de Amiens e foi para o campo. Um campo a sério, com nevoeiro a sério, com uma floresta a sério.

Guiou durante muito tempo, até que por fim estacionou o seu pequeno camião vermelho defronte da biblioteca.

A má estava à espera dele, com os seus grandes dentes e o seu olhar severo.

Ela não estava sozinha. Estavam também lá uma bruxa e três porquinhos.

Querem comer?, perguntou um dos porquinhos.

Havia um cheiro a sopa na biblioteca, um cheiro a sopa e a bolos. E ruídos, uns estranhos ruídos de animais. Macaco, cavalo, gato e serpente.

Mas não sei imitar o hipopótamo, disse o porquinho n.º 2. Nem o canguru.

O que é que estão a ler ?, perguntou ele para iniciar a conversa.

Nada. Nunca lemos. Os livros aqui são proibidos, não se podem abrir.

Pois eu pensava que numa biblioteca se lia, disse o autor espantado.

Não, não lemos. Cozinhamos, comemos, brincamos, cantamos e discutimos, pegamos nas palavras e trocamos-las entre nós.

E ela, a má, disse o porquinho n.º 3, apontando com o queixo para a bibliotecária, ela conta-nos histórias com macacos do nariz, ranho, cocó e coisas muito *gore* como olhos no spaghetti ou balas na cabeça. Ela conta-nos palavras dela, palavras que nós construímos e que nos ajudam a nos lembrarmos, palavras gratuitas que são capazes de nos curar de tudo, palavras que fazem reaparecer o sol e que até nos tratam as dores de costas. A bibliotecária é um super-herói mesmo a sério, chama-se Aurora e ela domina os elementos, domina as frases e as coisas que temos escondidas no fundo do cérebro e que nos fazem mal.

Com ela falamos de tudo, até das palavras muito complicadas como homofobia, xenofobia, anti-semitismo e racismo. Ela até nos ensinou que brócolos não eram os tomates das árvores, que os brócolos eram da família das crucíferas e que isso queria dizer couves.

Mas não lemos.

Ou não muito.

Ou só um bocadinho, às escondidas, quando a bibliotecária virou as costas.

E aprendemos as palavras, porque também usamos as palavras para falar, para discutir, para sermos felizes. E aqui, na biblioteca, somos felizes. É um antigo hangar, um hangar de uma fábrica, mas agora é a nossa casa, a casa dos três porquinhos, a nossa fábrica de palavras. E com as palavras até se fazem bolos de coelho ou de crocodilo e sopa de meninos.

E com as palavras, também cantamos.

Ouçam...

*Meus queridos pais, vou partir
Amo-vos, mas vou partir
Esta noite já não vão ter o vosso filho
Não vou fugir, vou voar
Entendam bem, vou voar
Sem fumo e sem álcool
Vou voar*

E o autor foi-se embora no seu camião vermelho. Partiu com a cabeça vazia, para longe desse campo que comia e cantava as palavras.

**Pascal Millet com Christiane Gaudefroy, Aurore Ramblier,
Priscilla Bernard, Chantal Leclercq, Priscilla Padé e Nathalie Millot
Beaucamps-le-Vieux
Ilustração de André
Tradução de João Pedro Bénard**



Será um sonho

*Era o sonho de partir, e vem o dia e lá vais.
Pra trás fica a guerra e a fome, que nunca é tarde de mais.
Tanta coisa na cabeça, tanta dor, tanto cansaço.
Pões o destino nas mãos do acaso.*

Olhas em frente à procura da paz.
Haverá alternativa? Deixas tudo para trás.
O coração vai pesado, e as mãos a abanar:
Ciao amigos, ciao família, adeus terra de pesar.

Lá em cima era só paz, doçura, consolação,
Mas tudo ficou esquecido assim que pousámos no chão:
O imenso azul do céu, por baixo um mar de algodão,
E no meio todos nós, cheios de esperança e de ilusão.

«A França, terra de acolhimento», «A França, um paraíso»,
«A França de braços abertos», era o que me tinham dito.
Ou assim queria eu crer, ou assim me tinham mentido.
Tanta esperança na cabeça, e agora foi tudo ao ar.
É que um sonho ao desfazer-se não faz mais barulho
Do que o rasto de uma sombra na noite.

Primeiro foi o frio e o medo.
Não percebia nada, via outra vez tudo negro.
Era tudo tão diferente, nada era como dantes,
Nem nada que me atraísse. Nada de apaziguante.

O 115: primeiro que atendam, é o fim da picada.
Mas chegados à fala: nada a dizer, nada.
Antes pelo contrário: as assistentes sociais
E as associações têm soluções geniais.

Nova terra, nova vida, contra ventos e marés.
Toca a dar à perna, ao músculo e ao pé,
Que pra escalar a montanha é preciso força e fé,
E pra encontrar o caminho, tactear, olé, olé.
E um sonho desfeito pode sempre consertar-se
Juntando caco com caco, e mais cola prò colar.

Prà frente, prà frente, que a vida é difícil,
E o francês não é coisa fácil.
Não faltam regras pra meter na cabeça
Nem excepções aos molhos, pra juntar peça a peça.

O esforço de integração, há que pegá-lo de caras.
Travar a luta numa terra sem guerra
é outra maneira de viver a vida.
E toda esta gente, ombro a ombro,
Dá-me força pra seguir em frente.

«A França, terra de acolhimento», «A França, um paraíso»,
«A França de braços abertos», era o que me tinham dito.
Agora vejo melhor, agora já percebi. Endireitar a cabeça.
Adeus nuvens cinzentas, já vejo luz ao fundo do túnel.
Um sonho a refazer-se não faz muito barulho,
E é ele que dá força pra iluminar a noite.

**Gilles Larher com Ahmed, Amar, Erdenechimeg, Jiyoona, Maska,
Yergalem, Yea Kyung, Zaruhi e Zina
Amiens
Ilustração de Sodoyez
Tradução de António Gonçalves**



Quase a alcançar o amanhã

Pensas tu que aos sete anos se sabe tudo?

Sete anos, já é tanto tempo. Sete anos já é tudo.

Aos sete anos os baloiços sobem muito alto. Tão alto. Quase chegam ao amanhã.

Pode-se subir em direcção ao céu ou cair tão baixo. Então, às vezes, parto um braço. O esquerdo. Sempre o esquerdo.

Quando os pés doem, paramos. É que empurrámos em demasia. Porque queríamos subir demasiado alto. Então, esperamos. E depois recomeçamos.

Sete anos. Pensas tu que sabes tudo? Já experimentámos um pouco de dois países, temo-los na ponta da língua. Em árabe, o S, é o sin. O A, alif. Nour, a luz. Em árabe, reinventam-se as letras, os sons. Eu, chamo-me Anys. Anys. Gosto do sabor do anis que recobre o pão que a minha mãe faz. É como ter na língua o gosto do meu nome. Só um y nos separa.

A minha mãe faz tudo à mão: o pão, a massa, o transporte, também.

O sabor das coisas é tão rico nos países pobres. E muitas vezes é tão pobre nos países ricos.

Antes, Lilia não falava. Ninguém conhecia a sua voz. Um dia ela atreveu-se a falar. Tinha uma voz de barracuda, uma voz de Maradona, nada como a voz de Madonna.

Porque é que as vozes dos rapazes não estariam bem para as raparigas? Quem quer uma voz de rapaz? – Eu não, diz o rapaz. Eu quero uma voz de sereia. Uma voz atraente. Uma voz irresistível.

Comigo, o meu pai diz frases-mistério. Ele diz: – Porque é que os chineses não mandam na Internet? O que é que o meu pai sabe? Por acaso conhece os chineses? Eu sei uma palavra: Sei dizer bom dia em chinês. Um dia irei à China, para ouvir a língua. Outras palavras. Gosto, como soam ao ouvido, todos esses sons que não compreendo.

A minha mãe sonhou que eu era uma girafa. Eu sonhei que ela era um urso. Um urso com uma bonita voz. Não uma voz de sereia. Ela não gosta de sereias. Diz que elas soltam um grito bizarro. Um grito agudo. Um grito perfurante. O grito da minha vizinha quando parte os copos.

A minha mãe era um urso e o meu pai um ursinho. Prefiro os ursinhos. Os ursinhos dos países quentes, onde mesmo quando faz muito calor nunca é de escaldar. O país do meu pai é Marselha. Marselha com um M e dois C, e duas asas. O país da minha mãe é nas árvores onde ela trepava. Diz ela que via os pássaros, lá do alto avistava a superfície da terra, e o céu também. E que era o céu que ela preferia.

Seria que ela também, quando era pequena, gostava tanto de se baloiçar?

Agora ela diz que gosta de Paris. Que Paris, ela nunca lá esteve. Nunca. Diz que Paris é a cidade onde se passeia, onde se escreve, também. Que é muito grande. Buliçosa. Que as pessoas falam umas com as outras. Que lá, há de tudo.

Tudo, desconheço. Tudo, nunca lá estive.

Acreditas tu que em adulto se tem tudo? Quando somos grandes sabemos tudo?

Para subir, para ir longe, só temos os baloiços. Só com eles podemos almejar o céu, só com eles quase podemos alcançar o amanhã.

**Nadine Brun-Cosme com Aymen, Anys, Lilia, Manoa,
Logan, Naceira, Mouna, Jamila,
Mohamed-Mounir e Isabelle
Amiens**

**Ilustração de Scaglia
Tradução de Eugénia Leal**



Não achámos a nascente dos rios

Por um milagre cujo segredo ignoro, foi-nos proposto (Evanu+Maneva) fazer uma viagem ao contrário. Tal périplo, ainda que perigoso, levar-nos-ia à origem das coisas, disseram-nos e nós acreditámos, agarrados pela sede de uma luz primordial. Para esta expedição de um género um pouco especial, tivemos de solicitar a presença de cinco guerreiros mágicos. Esta é a nossa história.

Gaga de Lady G.

A fim de abrir caminho, foi escolhido Hamed, poderoso batedor de retaguarda. Que nos seguia a uma distância invariável de dez passos para daí nos indicar o caminho de retorno. Em primeiro lugar, ele far-nos-ia entrar pela História, a espaçosa sala das narrativas. Fazendo frente ao «seis por seis», o tormento de Lady Godiva, nua sobre o seu cavalo, atravessava uma Coventry, deserta por respeito pelo seu sacrifício, dobrando com a sua vontade o implacável barão.

Do Sol(o) ao tecto – Rotunda Wall Drawings 711

Ejectados deste acontecimento, chegámos por um pórtico em abóboda ao centro de todas as confusões, cujas múltiplas direcções pareciam empurrar-nos para lado nenhum. Precisávamos de um perito em orientação em meio abstracto. Christian, escuteiro cósmico, seria a nossa bússola humana para nos libertar da armadilha de Sol Lewitt.

Pintar a natureza

Pudemos então libertar-nos da abstracção e conhecer uma parte do mundo a que chamávamos Natureza. Xavier, pintor de nus pastoris, daria conta do nosso périplo. Com as tintas na mão, disse-nos ele: «Tenho um único objectivo na vida que quero perseguir sempre: falar das belezas da paisagem.» Esquecendo a Itália e Taormina e ao longe as sandálias de Heraclito deixadas à beira do Etna fumegante, tomámos todas as geografias.

A Paixão do Adormecido

Quase foi preciso que nos perdêssemos nas areias movediças da Paixão. Aí, gesso-mármore-bronze-barros-resina-pedra-resina pareciam desafiar-nos em tantas estaturas cujas torsões mitológicas nos aturdiavam. Ouahiba, emérita caminhante na estrada do espírito, arqueóloga dos saberes ocultos soube acordar o Adormecido para que, com uma mão cansada segurando uma rosa de cinco pétalas, ele nos indicasse o antepenúltimo abismo.

O regresso da múmia

Então, decididamente, acompanhámos o nosso intrépido espeleólogo, Jean-Claude, ao fundo de todas as coisas, convencido de que as origens estavam próximas. Seguindo por caminhos subterrâneos que outrora levaram à cidadela perdida, por entre cabeças e cabeças de gato, pontas de lança e facas raspadeiras, chegámos ao fundo da origem que antigos bombardeamentos tinham soterrado para sempre. Aí repousava ela, com os braços caídos.

Mas a nascente, essa, nunca a vimos. E todavia, tenho a certeza, cada um de nós deu mais de três vezes a volta à sua própria vida.

**Manuel Candré com Eva Da Silva, Ouahiba Lamari, Hamed Benamar,
Xavier Hébert, JeanClaude Becquerelle e Christian Villette
Amiens
Ilustração de Véronique Groseille
Tradução de Joaquim Beja**



SCAGLIA

Coelho azul

Nunca saio de casa... ou pelo menos muito raramente... ou só quando é indispensável, como ir buscar as crianças. Nunca saio de casa, não gosto de fazer isso. Nunca saio de casa... mas aborreço-me! À força de ficar no meu buraco, estiole, já não sorrio, definho! Falta pouco, bicho velho! Incrível.

Foram os pequenos que me incitaram a mudar de vida:

- É preciso mexeres-te, abrires-te aos teus contemporâneos, ao mundo! Isolaste-te, tens mau pêlo, cuidas dele e é mau para ti!

Como eles tinham razão, despachei-os... enfim, mais exactamente, fiquei literalmente furiosa e mandei-os para a cama. Como sempre... Por protecção. Para *me* proteger. Porque, na verdade, tenho medo. Medo dos outros, medo do mundo, do tempo que passa, do que virá amanhã, medo de tudo... Medo de mim? Quando temos o tamanho de um ratinho, isso pode ser uma justificação perfeita. Porém, desta vez, não os quis ouvir mas *percebi-os*... Então enchi-me de coragem, pus o

focinho de fora e dirigi-me para a Praça dos Terriers, no centro da cidade, da vida... No caminho tive de aturar os insultos e as graçolas de jovens texugos incivilizados mas terrivelmente urbanos.

Baixei a cabeça e continuei o meu périplo a caminho da Praça dos Terriers... Ouvi-os antes de os ver. Os seus risos faziam estremecer as folhas das árvores como a chuva fazia aos bigodes do meu companheiro! Fiquei à distância, ao abrigo de um pequeno bosque bem cheiroso e observei... cochichos, apartes, risos... Julguei apesar de tudo perceber alguns suspiros. Havia de tudo, com pêlos, com penas, gansos brancos e até ratazanas! Viram-me e convidaram-me a juntar-me a eles. Mesmos males, mesmos medos, mesmas alegrias e o indescritível prazer de partilhar... e de ser compreendido.

Como tinham razão os meus camaradas de boa e má fortuna, os meus irmãos e irmãs na injustiça, as minhas ilhas e asas em liberdade! Estava acabado, terminado, posto de lado, o medo dos mustelídeos pré-púberes, da sua própria sombra, dos *outros* e dos grandes espaços! Agorafobia, tinham-me dito! Mas eu tinha folheado o meu dicionário! E Agora é o local onde nos exprimimos! E eu não quero mais nem calar-me nem sofrer!

Nem todas as aves são provavelmente presas, nem todos os gatos são predadores e mesmo quando o forem, nas suas nove supostas vidas, eu quero opor-lhes a minha, frágil e única, a que tomei enfim nas minhas mãos!

O que, estareis seguramente de acordo, é bastante encorajante para um pequeno musaranho! Mesmo que esse musaranho, lá no fundo do seu imaginário, tenha necessidade, de tempos a tempos, de se refugiar entre as patinhas de um rechonchudo coelho azul, refúgio bom, acolhedor.

**Patrick Poitevin com Laurent Clément, Miguel Cobert,
Sandra Wattiez, Catherine Riquier, Fatiha Kious, Sylvie Ferrard,
Karine Gronier, Séverine Josse e Betty Fontaine
Abbeville
Ilustração de Scaglia
Tradução de João Rodrigues**



Um jardim extraordinário

Há muito tempo que não vou ao meu jardim, nem para colher rosmaninho, nem para fazer outra coisa qualquer. Já não tenho jardim, tornei-me um cidadão. Pior: um parisiense. Há muito tempo que já não sei qual é a cor das papoilas. Pois, pois, são vermelhas. Mas de que tom de vermelho? A natureza está tão distante do meu quotidiano que já não lhe conheço as variantes nem as nuances. Então fui até ao meu jardim. Apanhei o comboio Paris-Amiens. Depois fui até Cayeux. Cayeux, *cailloux*, *hiboux*, *genoux*, *joujoux* e *choux*.

— Sabem plantar couves?

— Isso é mesmo uma pergunta de parisiense. Claro que sabemos plantar couves, e não só. Sabemos também plantar cenouras, do tipo Saint-Valery, a cenoura amarela e obtusa do Doubs. E batatas também; a batata azul de Artois, a corne de Gatte, a rosalinda, a rosa de França e a batata-semente.

Percorro as áleas do jardim e viajo através do país e às vezes para além dele, também através das estações do ano: nabo redondo de Nancy, nabo bola de neve, alho-porro de Inverno Saint-Victor, alface gigante da Rússia, cebola vermelha de Abbeville, alho do norte. Um jardim é o espaço e

o tempo a imporem-se. As estações do ano também, é claro. Os tomates, as curgetes, os pepinos, que chegam no Verão. As couves, os alhos-porros, os nabos, que resistem melhor à geada, no Inverno.

Há quanto tempo não vejo uma geada branca a cobrir a paisagem? As estações do ano só me aparecem através dos cartazes que desfilam pelos corredores do metro. São as flores da minha cidade, que mudam ao longo do ano: o salão automóvel no Outono, o salão da agricultura no fim do Inverno, a publicidade para as férias de Verão, que floresce na Primavera. É preciso decidir: para onde ir nas férias?

No jardim, a questão não se coloca. O jardim não tem férias. É preciso trabalhar nele o tempo inteiro, todo o ano, todos os dias, com as mãos na terra e os pés enfiados nas botas. Um jardim toma-nos tempo e exige paciência para que surjam os frutos e os legumes dos trabalhos realizados lentamente ao longo de todo o ano: arrancar as ervas daninhas, cavar, sachar, amanhoar, semear, transplantar, plantar, consertar esse maldito pulverizador que voltou a avariar, desbastar, ver crescer, regar, voltar a arrancar as ervas daninhas, em seguida tratar e, por fim, colher.

Partilhar e saborear. É bonito. É bom. É biológico. Porque sabemos plantar as couves à moda, à moda da nossa terra, e, na nossa terra, a moda é *bio*. Então, não andamos de bicicleta de sistema gratuito, não bebemos café «comércio justo», não fazemos modernices, mas arrancamos a erva com as mãos, plantamos adubo verde e fazemos compostagem. Porque um jardim é feito para durar. Não o devemos esgotar, por isso cuidamos dele porque é um jardim extraordinário, porque é o nosso, e já que é preciso cultivá-lo mais vale fazê-lo com respeito, para o legar àqueles que, mais tarde, virão por seu turno cavar, sachar, amanhoar, plantar as sementes e colher para voltar a partilhar.

**Jean-Claude Lalumière com Christian, Édith, Éric, Fanny, Gérald,
Hervé, Jean-Claude, Jean-Marc, Jean-Paul, Pascal et Rose
Cailleux-sur-Mer
Ilustração de Scaglia
Tradução de Manuela Torres**